

A dinâmica demográfica de uma área de fronteira: Rondônia

Maria Helena Fernandes de Trindade Henriques *

SUMÁRIO

- 1 — *Características gerais da ocupação do Estado*
- 2 — *Fonte de dados*
- 3 — *Características gerais da população*
- 4 — *Características demográficas*
- 5 — *Características sócio-econômicas*
- 6 — *Características da população migrante*
- 7 — *O crescimento natural*
- 8 — *Comentários finais*
- 9 — *Bibliografia*

1 — CARACTERÍSTICAS GERAIS DA OCUPAÇÃO DO ESTADO

Rondônia que foi um território federal tornou-se, ao final de 1981, o mais novo Estado da União. Com uma área de 243.044 km², está localizado na junção das Regiões Norte e Centro-Oeste do Brasil. A despeito da forte imigração que penetrou a região durante a última década, o Estado tem ainda uma das menores densidades populacionais do País, isto é, 2,5 habitantes/km².

Até o final do século XVII o povoamento dessa área restringiu-se a algumas poucas missões. Os 100 anos seguintes marcaram-se por diversas expedições que subiram os rios em busca de ouro. Mas foi

* Analista Especializado da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE.

apenas no final do século XIX que uma corrente de imigrantes definida foi atraída para a área pelos lucros da extração da borracha. Em função da queda dos preços de exportação da borracha e das dificuldades físicas de uma conquista do território, Rondônia alcançou em 1940 uma população de apenas 21.297 habitantes.

Entre 1900 e 1960 a economia de Rondônia encontrava-se totalmente dependente de mercados estrangeiros. A castanha e a borracha eram os principais produtos. Somava-se uma agricultura de subsistência com base no cultivo de milho, do feijão preto, e da mandioca. A população local alimentava-se e se supria de artigos de consumo dos principais centros do Norte — Belém e Manaus — quer pelos rios, quer por avião.

Pode-se tomar a década que se inicia em 1960, como um marco para a região, em função da decisão do Governo de integrar a Região Amazônica à economia do centro-sul. A descoberta de cassiterita na área também atraiu alguns migrantes para a região. A abertura da rodovia BR-364, ligando Cuiabá a Porto Velho, foi parte da decisão de construir um sistema rodoviário que permitisse a integração da área. Obviamente, ele também propiciou a migração para a região.

Contudo, o que fez o Estado de Rondônia conhecido Brasil afora foi a implementação de projetos de colonização na área. As notícias sobre a existência de terras livres e de boa qualidade, divulgadas pelo Governo, atraíram muitos migrantes para a região. A população total multiplicou-se mais de quatro vezes ao longo da década de 70 alcançando aproximadamente 500 mil habitantes no Censo Demográfico de 1980. Dos 340 mil migrantes sobreviventes que chegaram a Rondônia durante a década, quase 1/3 esteve diretamente ligado à colonização ou como colonos ou como membros de suas famílias¹. O restante esteve indiretamente ligado como migrantes espontâneos que se tornaram posseiros, trabalhadores assalariados ou trabalhadores por tarefa, ou tornaram-se residentes urbanos das vilas que cresceram em forma explosiva².

2 — FONTE DE DADOS

A única fonte disponível para cobertura universal da população na área era o Censo de população. O Sistema de Estatísticas Vitais Brasileiro, conhecido pelo seu sub-registro do número de nascimentos e mortes, era particularmente deficiente em uma área onde a população crescia aceleradamente e a demanda sobrepassava os serviços públicos existentes.

Duas outras fontes de dados existiam no local. O Sistema Nacional de Migrações Internas (SIMI) registrava as entradas dos migrantes em Vilhena, cidade austral de Rondônia, e fazia os migrantes que entravam durante o dia preencherem um formulário sobre os seus ante-

¹ Os resultados definitivos do Censo de população de 1980 registraram 337 mil migrantes com menos de dez anos de residência em Rondônia. A estimativa do número de colonos e membros familiares equivalente a 1/3 daquela cifra resulta de multiplicar um tamanho médio de família igual a cinco pessoas por família pela cifra de 23 mil, número de famílias assentadas segundo informações do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

² A natureza rural da ocupação era clara na tendência revelada pelas taxas de urbanização. De acordo com resultados dos Censos, as porcentagens de população urbana em Rondônia eram 37,4 em 1950; 43,6 em 1960; 51,9 em 1970 e caiu para 46,8 em 1980.

cedentes sociais, demográficos e econômicos. A outra fonte de dados estava representada pelas fichas de Identificação do Colono (IC). Estas duas fontes entretanto se dirigiam apenas a subgrupos específicos da população, independentemente dos problemas de confiabilidade nelas contidos.

É verdade que os levantamentos de população em áreas mais remotas, tais como os Estados da Amazônia, sempre envolveram mais problemas do que nas áreas mais urbanizadas do País, tais como os Estados do Sudeste. Reconhecendo isso, pela primeira vez na história dos Censos brasileiros introduziu-se a auto-enumeração nas áreas metropolitanas do centro-sul, enquanto que na Região Amazônica, onde algumas áreas só podiam ainda ser atingidas através de canoa, foi concedido um mês adicional para completar a fase da coleta de dados.

Apesar disso existiram algumas queixas por parte das autoridades em Rondônia quanto a uma aparente subenumeração dos migrantes na área. Entretanto, devido à escassez de fontes locais e à rapidez do crescimento anual da população, foi impossível consolidar essa queixa. Talvez ela se prenda à própria dificuldade das autoridades de manter em dia os serviços públicos face à crescente demanda.

O estudo demográfico de uma população que cresce rapidamente apresentou também problemas outros que os derivados do grau de cobertura das fontes envolvidas. De fato, a questão central relacionava-se ao volume e composição da população migrante e às maneiras pelas quais o novo grupo se assemelha ou difere da população existente na área antes de se iniciar a aceleração do crescimento. A extensão e direção das diferenças estavam à raiz das dificuldades metodológicas para se estimar os níveis de fecundidade e mortalidade, principalmente devido às suposições implícitas às técnicas indiretas para estimação dessas variáveis. As maneiras que encontramos para fazer frente a essas dificuldades encontram-se descritas posteriormente neste artigo.

3 — CARACTERÍSTICAS GERAIS DA POPULAÇÃO

A dinâmica demográfica de uma área de fronteira é um objeto de estudo fascinante. Como um processo que implica um elevado "quantum" associado a um curto "tempo"³, ele desafia os estudiosos do tema a estabelecerem seus limites; representa uma forma de disputa entre novos e antigos padrões de comportamento demográfico e, implica o aparecimento de uma nova inércia demográfica que pode ter sérias consequências econômicas e sociais a menos que estas possam ser previstas desde o início.

Ao apresentar o perfil da população de Rondônia como característico de uma área de fronteira, valemo-nos de dois tipos de comparações alternativas: as situações de pré e pós-colonização, representadas pelas informações dos Censos de 1970 e 1980, respectivamente e, a comparação dos dados de Rondônia com os da Região Norte a fim de estabelecer a especificidade dos primeiros.

A escolha das variáveis que servem a uma caracterização da população é arbitrária. Começamos com uma descrição que enfatiza a natureza da família e dos níveis de consumo material da mesma.

³ Os conceitos de quantum e tempo são empregados segundo a terminologia de Ryder. Veja Ryder, Norman. Components of temporal variations in American fertility.

3.1 — A composição da família

Uma questão de interesse a ser colocada nos contextos da ocupação da fronteira se refere ao estreitamento matrimonial que se segue, consequência direta da composição desequilibrada entre os sexos que caracteriza a corrente migratória. Se o movimento para a fronteira tem um destino rural, cabe esperar a partir das experiências passadas que migrem mais homens que mulheres e dentre eles que a maioria seja de solteiros (ou pelo menos sem uma companheira presente). Se essas duas primeiras hipóteses são corretas, as razões de masculinidade serão elevadas tanto na população total quanto na migrante; a proporção de homens solteiros sofrerá um aumento, assim como a proporção de homens casados declinará, com respeito aos níveis existentes antes da corrente migratória; deverá haver um aumento na proporção de chefes de família em comparação com a de cônjuges ou então a proporção de famílias nucleares diminuirá como consequência de novos arranjos do tipo família extensa entre os novos migrantes.

Para testar esta hipótese, calculamos alguns indicadores tanto para as áreas urbanas como para as rurais para os períodos pré e pós-colonização representados pelos Censos de 1970 e 1980. Estes são apresentados na tabela 1.

TABELA 1

INDICADORES DA COMPOSIÇÃO FAMILIAR, POR SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO, EM RONDÔNIA — 1970-1980

ESPECIFICAÇÃO	INDICADORES DA COMPOSIÇÃO FAMILIAR			
	1970		1980	
	Zona urbana	Zona rural	Zona urbana	Zona rural
Razão de masculinidade da população total (homens por 100 mulheres).....	100,4	130,3	103,8	119,8
Razão de masculinidade da população migrante (homens migrantes por 100 mulheres migrantes)....	109,4	160,3	107,2	122,8
Proporção de homens solteiros (por 100 homens)...	41,2	46,1	36,1	36,1
Proporção de mulheres solteiras (por 100 mulheres)	33,5	21,4	27,8	18,9
Proporção de homens casados (por 100 homens)...	53,1	46,3	58,4	57,7
Proporção de mulheres casadas (por 100 mulheres)	53,1	70,6	60,1	76,1
Proporção de chefes de família (por 100 membros familiares).....	19,3	21,9	20,6	21,3
Proporção de cônjuges (por 100 membros familiares)	14,7	16,2	16,3	17,9
Proporção de filhos (por 100 membros familiares)..	57,3	55,6	55,4	56,9
Proporção de parentes que não chefes, cônjuges e filhos (por 100 membros familiares).....	6,2	3,9	5,8	2,7
Proporção de membros residentes (por 100 membros familiares) (1).....	1,1	0,4	1,1	1,1
Proporção de pensionistas e empregados (por 100 membros familiares).....	1,4	2,0	0,7	0,7
Tamanho médio da família (2).....	5,3	5,6	5,0	4,8
Proporção de famílias uni-pessoais (por 100 famílias) (3).....	9,8	...	7,2	...
Proporção de famílias nucleares (3).....	91,0	...	90,8	...

FONTE — Censo Demográfico — 1970 — Rondônia, Roraima, Amapá, tabelas 1,4 e 5, p.2, 12-4 e 175-6; Censo Demográfico — 1980 — Rondônia, Dados Gerais, tabelas 1.3 e 1.8, p.6, 18-9; Censo Demográfico — 1980 — Rondônia, Famílias e Domicílios, tabelas A.1.3. e A.1.6, IBGE.

(1) Membros residentes, de acordo com a definição do Censo, é uma categoria de membro familiar que se refere aos residentes na família que não são aparentados nem com o chefe nem com seu cônjuge e que não recebem um salário como compensação pelo seu trabalho, como acontece por exemplo com os empregados. (2) Inclui todos os membros familiares. (3) Para as zonas urbana e rural.

As razões de masculinidade mostraram que havia definitivamente mais homens do que mulheres nas correntes migratórias para Rondônia, tanto nas que se deram antes de 1970 como nas que ocorreram ao longo dessa década. As razões de masculinidade também indicaram que a predominância masculina era maior nas áreas rurais. É interessante notar que as correntes migratórias mais recentes incorporaram, em termos relativos, mais mulheres do que homens, reduzindo assim as razões de masculinidade nas áreas rurais com respeito ao valores anteriormente verificados.

A redução das dificuldades para se encontrar um cônjuge em Rondônia implícitas em um aumento no volume de mulheres nas novas correntes migratórias se consubstanciou em uma redução nas proporções de mulheres e homens solteiros e, em um aumento considerável nas proporções de casados, independentemente do sexo, tanto nas áreas urbanas quanto nas áreas rurais ⁴.

A série de indicadores sustenta a hipótese de que a corrente migratória que entrou em Rondônia ao longo da última década ainda mantinha uma predominância masculina, embora em menor escala que as correntes anteriores. Mais ainda, de que o movimento era mais de natureza familiar e favoreceu o aumento de casamentos, na medida em que a proporção de cônjuges tanto em áreas urbanas quanto em rurais cresceu mais que a proporção de chefes de família.

As famílias migrantes, devem ter sido menores que as dos residentes em Rondônia posto que as proporções de outros parentes e não-parentes declinou, assim como a de famílias unipessoais e o tamanho médio familiar. Em outras palavras, a nova corrente migratória foi menos de indivíduos isolados que de jovens casais. Isso torna Rondônia um caso original não somente pelo caráter distinto da composição dos migrantes que para lá foram atraídos, mas também pelas sementes que ela plantou para um crescimento acelerado no futuro de sua população.

3.2 — Níveis de consumo familiar

Os Censos de população recolheram informação sobre o acesso da população e dos domicílios aos serviços públicos e sobre a existência de bens de consumo doméstico, em uma base sistemática. A tabela 2 reflete os ganhos adquiridos nesse aspecto tanto para o Estado de Rondônia quanto para a Região Norte, ao longo da década de 70.

Os domicílios de Rondônia e da Região Norte mostraram proporções similares quanto à disponibilidade de bens e ao acesso a serviços básicos em 1970, com exceção dos aparelhos de televisão. O crescimento do número de domicílios em Rondônia aumentou por um fator de 4,6; os da Região Norte, se multiplicaram apenas por 1,8.

Considerando-se esse último fator, o esforço efetuado em Rondônia para manter uma dada qualidade de vida foi bem mais elevado. As dificuldades que o Governo local enfrentou para estabelecer uma infraestrutura de serviços públicos se refletiam no fato de que os indicadores

⁴ As mudanças no perfil da população por estado conjugal estavam de fato diretamente ligadas à natureza da corrente migratória e não, por exemplo, a alguma tradição cultural da Região Norte que favorecesse o casamento, como alguns podem pensar. As frequências de população casada, em união consensual e em casamento legal, aumentaram em Rondônia com a migração e as proporções de população casada sobrepassaram as da Região Norte, como mostra os dados do Censo de 1980.

TABELA 2

**DISTRIBUIÇÃO DOS DOMICÍLIOS COM SERVIÇOS BÁSICOS E
BENS DE CONSUMO DOMÉSTICO EM RONDÔNIA E NA
REGIÃO NORTE — 1970-1980**

ESPECIFICAÇÃO	DISTRIBUIÇÃO DOS DOMICÍLIOS			
	1970		1980	
	Rondônia	Região Norte	Rondônia	Região Norte
NÚMEROS ABSOLUTOS				
TOTAL.....	20 472	584 379	93 830	1 042 988
NÚMEROS RELATIVOS (%)				
TOTAL.....	100,0	100,0	100,0	100,0
Com serviços básicos				
Água				
Encanada.....	16,8	19,2	18,0	32,2
Poço ou nascente.....	27,3	17,5	66,2	39,7
Eletricidade.....	25,2	27,3	31,2	45,8
Esgoto				
Encanado.....	—	1,6	2,3	5,0
Fossa séptica.....	6,8	7,2	10,8	15,4
Fossa rudimentar.....	43,0	45,3	36,5	45,9
Fogão				
Gás.....	30,4	29,5	38,6	53,5
Lenha.....	34,1	45,4	58,4	44,6
Bens de consumo doméstico				
Rádio.....	50,1	45,2	58,4	60,4
Geladeira.....	14,5	14,9	24,4	34,4
Televisão.....	0,7	8,7	24,0	33,8
Carro.....	3,2	2,4	10,4	8,7

FONTE — Censo Demográfico — 1970 — Brasil, vol.1, tabela 10, p.264-5 e Censo Demográfico — 1980 — Brasil, Famílias e Domicílios, tabelas 2-17, 2-18 e 2-19, p.90-6, IBGE.

que dependiam da ação pública — água encanada, esgoto, eletricidade e gás encanado — cresceram mais lentamente que aqueles indicadores que dependiam da ação individual — construção de poços e fossas. O aumento nos bens de consumo doméstico foi o mais elevado, indicando que a elevação nos níveis de consumo também foi notável.

Os dados para o Estado de Rondônia como um todo escondem um importante diferencial urbano/rural, como era de se esperar. Água encanada e esgoto atingiram apenas 1% dos domicílios rurais, mas o rádio encontrava-se uniformemente espalhado tanto em áreas urbanas quanto em rurais.

Os dados mostram que ao final da década de 70 a distância quanto ao acesso aos serviços públicos — abastecimento de água, eletricidade e esgoto — entre Rondônia e a Região Norte aumentara. Mesmo levando-se em conta a natureza mais rural de Rondônia, com uma população de crescimento rápido e difícil alcance, é impossível ignorar uma deterioração no padrão de vida se comparado aos bens e serviços a que essa população migrante tinha acesso nas suas áreas de residência anterior.

4 — CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS

A composição urbano/rural, a estrutura etária e os níveis de nupcialidade foram selecionados para expressar as características de natureza mais puramente demográfica. Apresentamos a seguir os traços mais marcantes em cada uma dessas variáveis.

4.1 — Composição urbano-rural

A distribuição da população de Rondônia entre as áreas rurais e urbanas se inverteu ao longo da última década. Em 1970 a população urbana representava 53,6% do total; em 1980 era a população rural a que ocupava essa parcela. A predominância da população rural sobre a urbana era única dentre todos os Estados brasileiros, assim como o era a ordem de grandeza da taxa de crescimento da população rural⁵.

A distribuição por sexos do crescimento rural e urbano foi diferenciada, conforme indica a tabela 3.

TABELA 3
DISTRIBUIÇÃO RELATIVA DO CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO E
RAZÃO DE MASCULINIDADE — 1970-1980

ESPECIFICAÇÃO	DISTRIBUIÇÃO RELATIVA (%)	
	Zona urbana	Zona rural
Crescimento da população 1970/80		
Homens.....	3,9	4,9
Mulheres.....	3,8	5,3
Razão de masculinidade (1980).....	103,8	119,8

FONTE — Censo Demográfico — 1970 — Rondônia, Roraima, Amapá, tabela 1, p.2 e Censo Demográfico — 1980 — Rondônia, Dados Gerais, tabela 1-3, p.6, IBGE.

Nas áreas urbanas as taxas de crescimento dos homens e mulheres mostraram igual intensidade. Entretanto, o número de mulheres rurais cresceu mais rapidamente que o de homens. As razões de masculinidade, apesar desse crescimento diferencial, mostravam ainda um certo desequilíbrio na medida em que o valor para a área rural se mantinha ao nível de 119,8.

4.2 — A estrutura etária

Uma característica fundamental de uma população é a sua estrutura etária. Ela incorpora a dinâmica demográfica passada assim como traduz a inércia para o crescimento futuro da população. A tabela 4 apresenta essa informação diferenciada nos seus componentes rural e urbano.

⁵ De fato Rondônia tornou-se o único sítio de expansão da população rural. De acordo com o Censo Demográfico de 1980, enquanto a população rural de Rondônia cresceu a uma taxa de 16,7%, a da Região Norte experimentou um crescimento de apenas 2% e o resto das populações rurais das regiões brasileiras cresceu a taxas negativas. O crescimento da população rural do Brasil em consequência do crescimento negativo ocorrido na maior parte das regiões foi de -61%.

TABELA 4

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO, POR SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO E SEXO, SEGUNDO OS GRUPOS DE IDADE — 1970-1980

GRUPOS DE IDADE	DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO					
	Total				Situação do domicílio e sexo	
	Homens		Mulheres		Urbana	
					Homens	
	1970	1980	1970	1980	1970	1980

NÚMEROS ABSOLUTOS

TOTAL (1)..... 58 974 259 478 52 090 231 547 29 835 116 236

NÚMEROS RELATIVOS (%)

TOTAL.....	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
0 — 4.....	17,09	16,91	18,99	18,15	17,87	17,23
5 — 9.....	14,55	14,53	16,02	15,56	15,64	14,45
10 — 14.....	11,83	12,83	13,54	13,77	13,20	12,57
15 — 19.....	9,96	10,67	11,67	11,81	11,43	10,67
20 — 24.....	8,74	9,43	8,84	9,85	8,59	9,60
25 — 29.....	7,40	7,84	7,07	7,97	6,32	8,47
30 — 34.....	6,52	6,32	5,77	5,61	5,38	6,67
35 — 39.....	5,75	5,04	4,99	4,51	4,66	4,91
40 — 44.....	5,60	4,48	4,19	3,74	4,80	4,19
45 — 49.....	4,33	3,45	3,00	2,67	4,03	3,10
50 — 54.....	3,42	2,99	2,22	2,15	3,17	2,86
55 — 59.....	2,09	2,12	1,38	1,55	2,08	1,95
60 — 64.....	1,11	1,46	0,89	1,05	1,12	1,45
65 — 69.....	0,64	0,88	0,61	0,72	0,65	1,02
Acima de 70.....	0,97	0,75	0,82	0,69	1,06	0,86

GRUPOS DE IDADE	DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO					
	Situação do domicílio					
	Urbana		Rural			
	Mulheres		Homens		Mulheres	
	1970	1980	1970	1980	1970	1980

NÚMEROS ABSOLUTOS

TOTAL (1)..... 29 729 111 932 29 139 143 242 22 361 119 615

NÚMEROS RELATIVOS (%)

TOTAL.....	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
0 — 4.....	18,00	17,09	16,30	16,65	20,30	19,13
5 — 9.....	15,14	14,49	13,45	14,60	17,20	16,57
10 — 14.....	14,11	13,10	10,43	13,03	12,79	14,40
15 — 19.....	12,99	12,18	8,44	11,04	9,93	11,46
20 — 24.....	9,15	10,87	8,88	9,28	8,42	8,89
25 — 29.....	6,50	8,75	8,51	7,33	7,80	7,25
30 — 34.....	5,30	6,08	7,68	6,04	6,40	5,18
35 — 39.....	4,99	4,41	6,87	5,16	5,01	4,61
40 — 44.....	4,08	3,55	6,42	4,70	4,34	3,91
45 — 49.....	3,18	2,74	4,65	3,73	2,75	2,99
50 — 54.....	2,36	2,20	3,68	3,10	2,03	2,10
55 — 59.....	1,53	1,68	2,09	2,26	1,17	1,43
60 — 64.....	1,05	1,17	1,10	1,47	0,68	0,94
65 — 69.....	0,70	0,86	0,63	0,95	0,49	0,58
Acima de 70.....	0,92	0,83	0,87	0,66	0,69	0,56

FONTE — Censo Demográfico — 1970 — Rondônia, Roraima, Amapá, tabela 1, p.2 e Censo Demográfico — 1980 — Rondônia, Roraima, Amapá, tabela 1-3, p.6, IBGE.

(1) Inclusive 555 e 620 pessoas com idade desconhecida, em 1970 e 1980, respectivamente.

A estrutura etária de Rondônia evidencia um perfil típico de alta fecundidade e alta mortalidade. Sinais da migração são também aparentes nas proporções mais significativas de determinadas faixas da população em idade adulta. De modo a avaliar a existência ou não de um diferencial urbano/rural na estrutura etária e das mudanças que ocorreram ao longo da década, apresenta-se a tabela 5.

TABELA 5

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO, POR GRUPOS DE IDADE, SEGUNDO A SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO E SEXO — 1970-1980

SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO E SEXO	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL POR GRUPOS DE IDADE					
	0 a 14 anos		15 a 59 anos		60 anos e mais	
	1970	1980	1970	1980	1970	1980
Zona urbana						
Homens.....	46,71	44,25	50,46	52,40	2,83	3,35
Mulheres.....	47,25	44,68	50,08	52,46	2,63	2,86
Zona rural						
Homens.....	40,18	44,28	57,22	52,64	2,60	3,08
Mulheres.....	50,29	50,10	47,85	47,82	1,86	2,08

FONTE — Tabela 4.

A extensão da corrente migratória estava claramente refletida na estrutura abreviada tanto em 1970 como em 1980. No primeiro momento não havia diferenças por sexo na estrutura etária urbana. Nas áreas rurais, entretanto, as diferenças eram consideráveis. A predominância de homens adultos na corrente migratória para áreas rurais até 1970, elevou a porcentagem da população masculina na faixa de 15 a 59 anos para 57%. Por outro lado, as mulheres nas primeiras idades, de 0 a 14 anos, representavam 50%. Em 1980, as características de uma população de alta fecundidade/alta mortalidade se mantiveram, mas o diferencial urbano/rural diminuiu. A estrutura etária da população masculina nas áreas urbana e rural guardava estreita semelhança (aproximadamente 44% com idades inferiores a 15 anos, 52,5% na faixa de 15 a 59 anos e 3,5% com mais de 60 anos). Um desequilíbrio entre os sexos, ainda que pequeno, fazia-se presente na medida em que a proporção de mulheres rurais jovens, menores de 15 anos, ainda ultrapassava a proporção equivalente de homens e a proporção de mulheres adultas no campo.

Outra maneira de expressar a extensão do efeito da migração sobre a população residente é a comparação da estrutura etária dos migrantes com a dos nativos⁶, ambos em 1980. A comparação gráfica, sob a forma de pirâmides etárias, aparece no gráfico 1.

⁶ Para esta finalidade chamamos nativos à população nascida e residente em Rondônia somada à dos migrantes com mais de dez anos de residência.

A maior diferença entre as duas estruturas reside no grupo etário de 0 a 4 anos. A alta proporção de nativos encontrada nesse grupo é, entretanto, um efeito dos altos níveis de fecundidade prevalecentes tanto entre os nativos quanto entre a população migrante, especialmente nesse segundo grupo onde a alta natalidade é decorrência também do aumento da migração no período 1975-80. A estrutura etária dos migrantes, ainda que mais envelhecida que a dos nativos, também é bastante jovem. Uma evidência desse fato é a porcentagem de menores de 25 anos que, entre os migrantes, alcança 50%.

A migração para Rondônia da última década acarretou, portanto, um potencial para o crescimento da população que vai além do aumento em números absolutos implícitos nela. Como adultos jovens, os migrantes chegaram nas idades mais férteis do seu período reprodutivo. Como migrantes rurais eles estavam habituados a altos níveis de fecundidade e estão, de fato, reproduzindo-se a taxas elevadas, como se verá mais adiante neste artigo. A combinação de uma elevada demanda por serviços públicos, tanto nas idades adultas como para a população mais jovem, continuará representando um desafio que o Governo terá que enfrentar.

PIRÂMIDES ETÁRIAS DAS POPULAÇÕES NATIVA E MIGRANTE DE RONDÔNIA

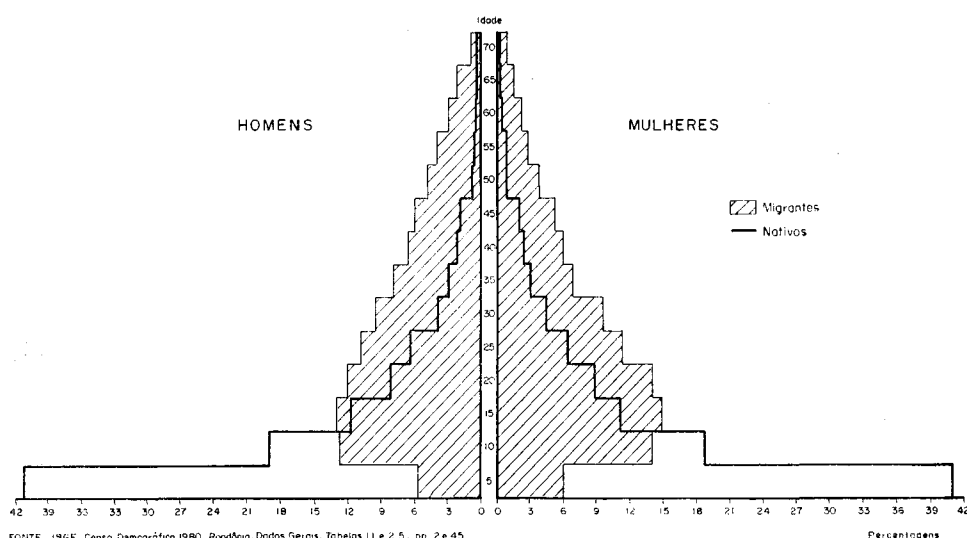


GRÁFICO 1

4.3 — Níveis de nupcialidade

O perfil da população segundo o estado conjugal também apresentou uma acentuada mudança. De acordo com a informação da tabela 6, casar-se, seja através da forma legal ou não, tornou-se mais popular ao longo da última década. A razão entre os não-casados para os casados e unidos caiu de 0,88 a 0,65 nas áreas urbanas. Nas áreas rurais a mudança foi ainda mais drástica; de uma razão de 0,79 em 1970 a cifra atingiu 0,49 em 1980, conforme a informação dos dois Censos.

TABELA 6

**DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO SOLTEIRA E
CASADA, POR SEXO, SEGUNDO A SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO E
GRUPOS DE IDADE SELECIONADOS — 1970-1980**

SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO E GRUPOS DE IDADE SELECIONADOS	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO			
	Homens		Mulheres	
	1970	1980	1970	1980
SOLTEIRA				
Zona urbana				
20 a 24 anos.....	68,3	61,9	41,0	33,5
25 a 29 anos.....	34,4	27,0	21,7	16,3
30 a 34 anos.....	20,0	11,0	9,0	8,8
50 a 54 anos.....	7,4	4,8	3,8	2,5
Zona rural				
20 a 24 anos.....	74,1	55,2	23,4	17,2
25 a 29 anos.....	48,5	25,4	8,0	5,2
30 a 34 anos.....	34,2	12,8	6,4	2,0
50 a 54 anos.....	20,7	6,7	2,3	1,4
CASADA (1)				
Zona urbana				
20 a 24 anos.....	29,4	34,5	54,9	61,4
25 a 29 anos.....	62,7	69,4	72,4	77,2
30 a 34 anos.....	77,5	84,9	83,6	82,4
50 a 54 anos.....	81,5	86,7	56,8	67,2
Zona rural				
20 a 24 anos.....	23,5	42,4	72,5	79,8
25 a 29 anos.....	47,8	70,6	88,4	92,4
30 a 34 anos.....	62,1	82,4	89,7	96,0
50 a 54 anos.....	58,0	80,9	69,0	87,2

FONTE — Censo Demográfico — 1970 — Rondônia, Roraima, Amapá, tabela 5, p.12-4 e Censo Demográfico — 1980 — Rondônia, Dados Gerais, tabela 1.8, p.18-9, IBGE.

(1) Inclui a população em união legal e consensual.

O aumento na frequência do casamento ou união atingiu todos os grupos de idade, conforme o indica a tabela 6. A mudança foi mais intensa entre os homens rurais que, com exceção do grupo etário de 20 a 24 anos, atingiram em 1980 as frequências da população casada encontrada nas áreas urbanas.

Não só a frequência de casados aumentou em Rondônia como até ultrapassou as cifras comparáveis para o Brasil como um todo. Em 1980, a porcentagem de pessoas solteiras e casadas em áreas urbanas de Rondônia era 32,1 e 59,2%, respectivamente. No Brasil urbano elas eram de 35,8 de solteiros e 55,4% de casados ou unidos. Nas áreas rurais a diferença era ainda maior; na população rural de Rondônia havia 28,7 de solteiros e 65,6% de casados enquanto que no Brasil as porcentagens eram de 33,4 de solteiros e 59,9% de casados ⁷.

⁷ Conforme a informação publicada do Censo Demográfico de 1980.

Como o exame das características demográficas revelou um perfil que favorece altos níveis de reprodução, buscamos algumas características sócio-econômicas com o intuito de ver o que é revelado através delas. Seleccionamos sob essa categoria as variáveis de nível educacional, participação na atividade econômica e níveis de renda.

5 — CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS

A intenção de se obter alguns indicadores do perfil sócio-econômico da população foi no sentido de comparar o perfil da população de Rondônia com outras populações similares no Brasil e não, avaliar o nível de desempenho da população através dessas características. Isto se justifica dado que, características tais como educação ou renda são altamente dependentes dos níveis obtidos antes da migração para a área, e demandam algum tempo para que possam ser modificadas.

Incluiu-se a informação sobre a renda porque no Censo Demográfico de 1980 fez-se um esforço especial para obter informação sobre outras formas de renda que não a monetária⁸. Ao apresentarmos os resultados referentes à renda, procuraremos também comentar a utilidade dos mesmos para o contexto rural em questão.

5.1 — Características educacionais

O perfil educacional da população é muito baixo. De forma a oferecer indicador sumário desse, calculamos o número médio de anos de escolaridade. Em 1970, a população urbana tinha a média de 2,9 anos para os homens e 2,7 para as mulheres. Os números para a população rural como era de esperar, eram ainda mais baixos. Os homens e as mulheres rurais tinham ambos 1,2 ano de escolaridade, em média. O nível de educação rural era tão baixo que não dava nem mesmo lugar para a demonstração de diferenças entre os sexos. Os números para 1980 refletem o perfil dos migrantes durante a década anterior, na sua maior parte, de uma forma ou de outra relacionada ao esquema de assentamento. A média dos homens das áreas urbanas cresce levemente para 3,4 anos e a das mulheres para 3,2 anos. Uma mudança similar foi observada na população rural onde as médias também cresceram em 0,5 anos alcançando o valor de 1,7 ano. Porém, a situação é ainda dramaticamente baixa em termos de conquistas educacionais e deve piorar na medida em que a demanda por escolaridade ultrapassar, quer o número de escolas existentes ou a velocidade de construí-las.

⁸ No Censo Demográfico de 1980 as perguntas referentes à renda foram feitas a toda a população com dez ou mais anos de idade. A informação sobre renda foi obtida através de sete perguntas, sendo três referentes à renda obtida através do trabalho. A série toda de perguntas recolheu informação sobre as fontes de renda, renda individual, renda familiar e renda do domicílio. Para as pessoas que tinham uma ocupação habitual indagou-se sobre a renda monetária e a renda em espécie recebida pelo trabalho efetuado na ocupação habitual e em outras ocupações. Além do trabalho, explorou-se outras fontes de renda, tais como: pensões, aluguéis, doações ou investimentos de capital (Veja IBGE. *Censo Demográfico de 1980. Rondônia. Mão-de-Obra*, p. XXVII-XXX).

Com o objetivo de colocar os valores para Rondônia no contexto brasileiro, estimamos o número médio de anos de escolaridade para as macrorregiões e o País como um todo. Estes resultados apresentam-se na tabela 7.

TABELA 7

NÚMERO MÉDIO DE ANOS DE ESCOLARIDADE, POR SEXO, PARA ÁREAS SELECIONADAS DO PAÍS: 1980

ÁREAS SELECIONADAS	NÚMERO MÉDIO DE ANOS DE ESCOLARIDADE	
	Homens	Mulheres
BRASIL	3,3	3,2
Rondônia.....	2,2	2,2
Região Norte.....	2,4	2,6
Região Nordeste.....	1,8	2,1
Região Sudeste.....	4,1	3,8
Região Sul.....	3,6	3,7
Região Centro-Oeste.....	2,9	3,1

FONTE — Censo Demográfico — 1980 — Rondônia, Dados Gerais, tabela 3.2, p.88-9 e Censo Demográfico — 1980 — Brasil, Dados Gerais, tabela 3.7, p.155-64, IBGE.

NOTA — As médias foram calculadas para a população com cinco e mais anos de idade. As pessoas com nenhuma ou meio ano de escolaridade foram somadas na tabulação do Censo. Portanto, no nosso cálculo, elas receberam o peso zero para anos de escolaridade. O grupo aberto de 17 e mais anos de escolaridade recebeu o peso 20.

As médias para Rondônia foram inferiores aos valores para o Brasil e todas as macrorregiões, com exceção do Nordeste, especialmente para a população masculina. Como o lugar de residência anterior dos migrantes para Rondônia foi predominantemente localizado nas Regiões Sul e Centro-Oeste, como veremos mais adiante, fez-se uma tentativa para averiguar se houve ganhos educacionais ocorridos em Rondônia ao longo da última década.

Decidimos avaliar a existência de um possível choque de gerações em termos de escolaridade. Seleccionamos três grupos de idade — 10 a 14, 25 a 29 e 50 a 54 — para testar essa possibilidade, em termos, novamente, da média de anos de escolaridade. A disponibilidade de um corte transversal dos dados intensifica a possibilidade do teste. A tabela 8 resumida esclarece alguns pontos.

Como podemos ver, o efeito educacional é muito mais forte que o efeito de coorte. Além do mais, a posição das coortes mais velha e mais nova na área urbana não sofreu alterações durante a década, isto é, as mesmas não experimentaram nenhum ganho significativo em sua escolaridade média. Contudo, a diferença entre o grupo de 25 a 29 e os outros é bem clara e aumentou através dos anos.

A hipótese de que há uma seleção positiva operando em favor desse grupo é favorecida. As médias para a população rural são bem menores mas o mesmo padrão aparece. É interessante notar que existe um leve aumento no número médio de anos de escolaridade para o grupo mais jovem, talvez em consequência de um esforço substancial de construção de escolas nas áreas rurais.

TABELA 8

**NÚMERO MÉDIO DE ANOS DE ESCOLARIDADE PARA A
POPULAÇÃO NAS IDADES DE 10 A 14, 25 A 29 E 50 A 54 ANOS,
SEGUNDO A SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO E SEXO — 1970-1980**

SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO E SEXO	NÚMERO MÉDIO DE ANOS DE ESCOLARIDADE					
	De 10 a 14 anos		De 25 a 29 anos		De 50 a 54 anos	
	1970	1980	1970	1980	1970	1980
Zona urbana						
Homens.....	2,4	2,4	4,2	5,4	2,9	2,9
Mulheres.....	2,5	2,6	3,5	5,0	2,1	2,1
Zona rural						
Homens.....	1,0	1,4	1,6	2,3	1,2	1,4
Mulheres.....	1,2	1,6	1,4	2,1	0,8	0,9

FONTE — Censo Demográfico — 1970 — Rondônia, Roraima, Amapá, tabela 4 e Censo Demográfico — 1980 — Rondônia, Dados Gerais, tabela 3.4, IBGE.

Vê-se que o nível educacional da população, com exceção do grupo de adultos jovens é bem baixo. O potencial para o rápido crescimento populacional também se apóia no baixo nível educacional.

5.2 — Participação na atividade econômica

A participação econômica aumentou ao longo da década. Para a população masculina o nível de participação alcançou um máximo de 80% como consequência direta da natureza da corrente migratória. A participação feminina, ainda que chegando aos 17% ao final da década, é ainda baixa para os padrões brasileiros.

A tabela 9 apresenta as taxas de atividade para os vários grupos de idade. Para os homens, os grupos de idade mais jovens, 10 a 25 anos, experimentaram os maiores aumentos. A participação dos meninos de 10 a 14 anos dobrou na década, provavelmente como consequência do modelo de trabalho familiar implantado na agricultura. As taxas para as mulheres mais jovens que 40 anos dobraram; entretanto, seu nível de participação é em geral bastante baixo, típico de uma situação desfavorável ao trabalho feminino.

Nos gráficos 2 e 3 comparam-se as taxas de participação econômica de Rondônia com as do Brasil. O gráfico 2 apresenta as taxas para a população urbana e o gráfico 3 para a população rural, para os dois sexos em separado. Os homens em Rondônia trabalham mais que os do resto do Brasil, tanto nas áreas urbanas quanto nas rurais. A sua curva de participação tem uma forma dilatada nas idades adultas, descrevendo uma forma de participação praticamente universal. As mulheres em Rondônia, por outro lado, apresentam níveis de participação bem inferiores ao das demais mulheres brasileiras tanto em áreas urbanas

quanto nas rurais ⁹. O seu padrão rural conforma-se a uma distribuição bimodal, provavelmente como reflexo da relação para essas mulheres entre as etapas do seu ciclo de vida e os seus níveis reprodutivos.

TABELA 9

TAXAS ESPECÍFICAS DE ATIVIDADE DA POPULAÇÃO, POR SEXO, SEGUNDO GRUPOS DE IDADE — 1970-1980

GRUPOS DE IDADE	TAXAS ESPECÍFICAS DE ATIVIDADE DA POPULAÇÃO, POR SEXO			
	Homens		Mulheres	
	1970	1980	1970	1980
TOTAL	75,24	80,54	10,32	17,39
10 a 14 anos.....	16,72	34,03	1,57	7,82
15 a 19 anos.....	59,13	76,68	10,78	20,94
20 a 24 anos.....	88,93	94,20	15,54	22,16
25 a 29 anos.....	97,20	97,26	10,66	21,72
30 a 34 anos.....	97,48	98,54	12,81	22,30
35 a 39 anos.....	98,29	98,79	11,83	21,83
40 a 44 anos.....	96,96	98,02	18,49	18,72
45 a 49 anos.....	96,49	98,60	14,95	15,27
50 a 54 anos.....	93,89	96,26	15,34	15,04
55 a 59 anos.....	91,64	93,66	10,30	12,78
60 a 64 anos.....	83,23	85,37	5,04	10,06
65 a 69 anos.....	63,54	65,76	2,37	6,25
70 anos e mais.....	45,65	41,72	3,54	2,53

FONTE — Censo Demográfico — 1970 — Rondônia, Roraima, Amapá, tabela 21, p.67-70 e Censo Demográfico — 1980 — Rondônia, Mão-de-Obra, tabela 1.1, p.2, IBGE.

A distribuição da população economicamente ativa tornou-se mais concentrada em 1980 como o ilustra a tabela 10. Em 1980, 75% das poucas mulheres urbanas que trabalhavam o faziam ou em serviços ou no comércio. O emprego rural feminino era irrisório.

O quadro masculino é mais diversificado. O volume da força de trabalho masculina urbana quadruplicou e foram necessárias rápidas mudanças no mercado de trabalho para acomodá-la. O emprego na agricultura e nas manufaturas industriais básicas cresceu a 4,5% ao ano; no comércio e na indústria de construção a cerca de 2% e a percentagem de homens urbanos nos serviços dobrou no período. Esses cinco setores responsabilizavam-se por 65% da força de trabalho urbana masculina em 1980. Entretanto, aqui também foi a mudança na força de trabalho rural que foi a mais importante. O emprego de homens no campo mais do que quadruplicou durante a década e as ocupações no setor de serviços quase desapareceram, na medida em que mais de 80% dos homens empregaram-se diretamente na agricultura.

⁹ De fato, as cifras do Brasil incluem a informação de Rondônia; entretanto, a parcela da população de Rondônia na população brasileira é tão pequena que não altera o sentido do argumento.

TAXAS ESPECÍFICAS DE ATIVIDADE POR SEXO PARA POPULAÇÕES URBANAS DE RONDÔNIA E DO BRASIL - 1980

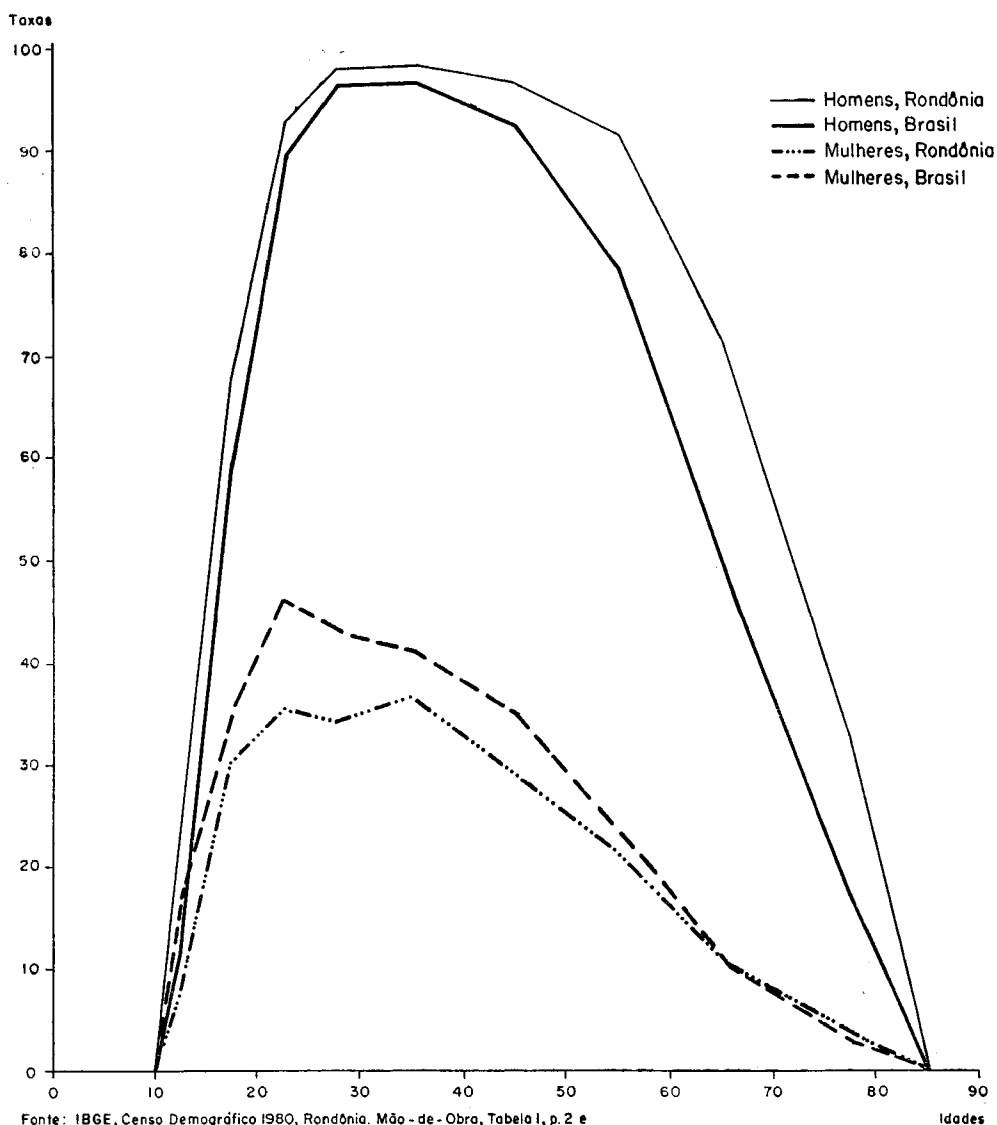


GRÁFICO 2

As mudanças que ocorreram parecem ter sido na direção de atividades mais produtivas, especialmente no lado masculino. A proporção de mulheres trabalhando nos serviços urbanos, porém, é reflexo da sua posição marginal nesse tipo de sociedade.

TAXAS ESPECÍFICAS DE ATIVIDADE POR SEXO PARA
POPULAÇÕES RURAIS DE RONDÔNIA E DO BRASIL - 1980

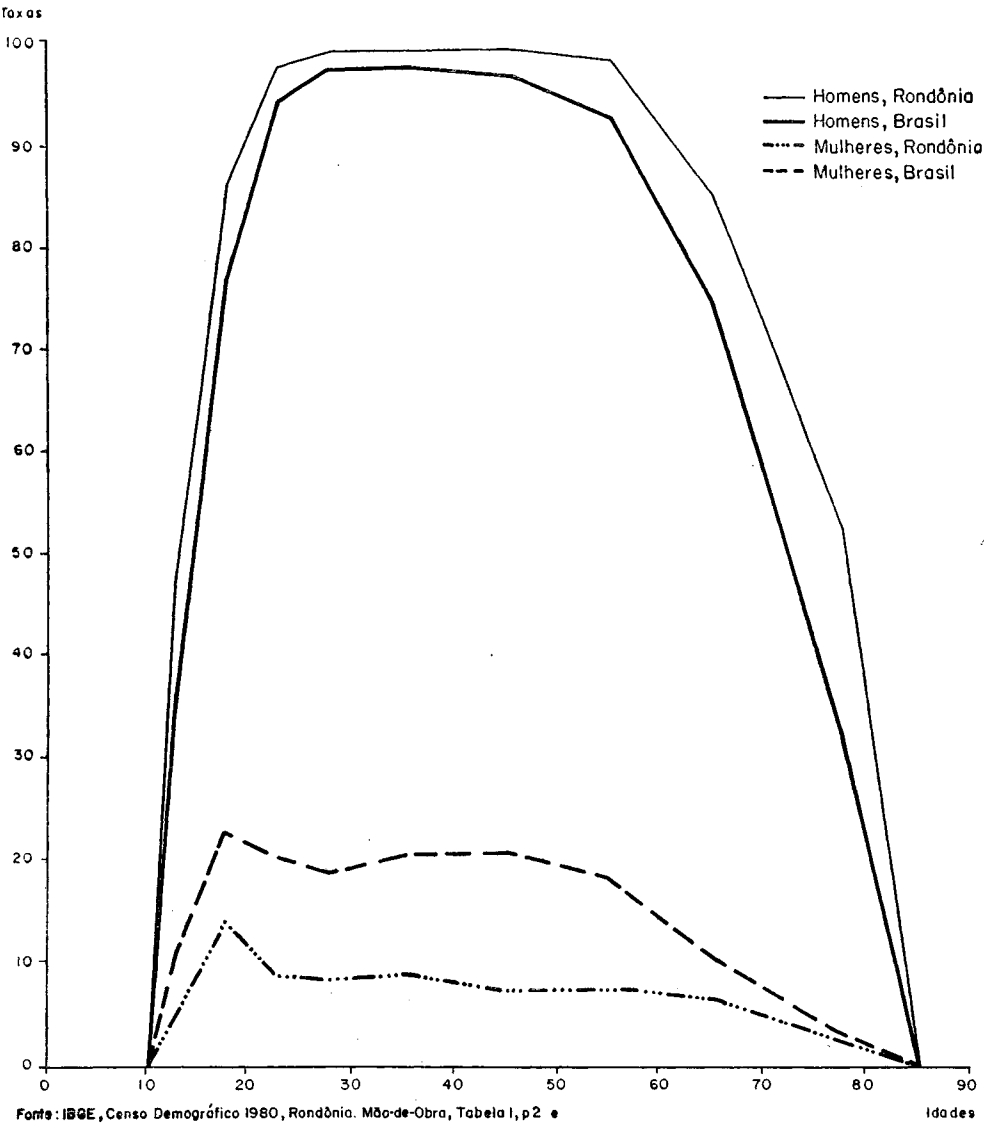


GRÁFICO 3

A intensidade e a natureza das mudanças de emprego na agricultura tinha que, obviamente, refletir-se em mudanças no sistema fundiário. A disponibilidade de Censos agrícolas a cada cinco anos tornou possível examinar esse tópico.

TABELA 10

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA, POR SEXO, SEGUNDO A SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO E SETOR DE ATIVIDADE — 1970-1980

SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO E GRUPOS DE IDADE	DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO, POR SEXO			
	Homens		Mulheres	
	1970	1980	1970	1980
NÚMEROS ABSOLUTOS				
TOTAL	30 300	3 503	142 556	26 637
NÚMEROS RELATIVOS (%)				
Zona urbana				
Agricultura, pecuária e extrativismo.....	10,2	16,2	1,4	30,2
Manufaturas agrícolas básicas.....	4,7	1,4	0,1	6,2
Caça e pesca.....	0,8	0,3	—	—
Extração mineral.....	4,8	2,8	0,1	—
Manufaturas industriais básicas.....	7,9	12,2	1,7	—
Indústria de construção.....	7,7	10,2	0,0	—
Atividades públicas.....	0,4	1,1	0,2	—
Comércio.....	12,7	15,6	9,2	3,4
Corretagem imobiliária, crédito, seguros e formação de capital.....	1,0	1,4	0,1	—
Transporte e comunicação.....	10,9	9,3	0,7	—
Serviços em geral.....	6,1	12,3	36,2	27,3
Serviços sociais.....	2,2	3,6	28,0	26,1
Administração pública.....	9,0	6,5	12,9	3,3
Defesa nacional e segurança pública.....	9,5	4,1	0,1	—
Outras atividades, semideclaradas ou não-declaradas.....	12,1	2,8	9,2	3,4
Zona rural				
Agricultura, pecuária e extrativismo.....	42,6	82,4	0,9	65,8
Manufaturas agrícolas básicas.....	36,2	5,1	0,1	1,0
Caça e pesca.....	0,5	0,3	—	—
Extração mineral.....	4,5	5,6	0,4	1,2
Manufaturas industriais básicas.....	2,1	1,6	3,2	0,8
Indústria de construção.....	1,7	0,5	0,5	0,2
Atividades públicas.....	0,1	0,1	0,9	—
Comércio.....	2,5	0,9	15,5	3,1
Corretagem imobiliária, crédito, seguros e formação de capital.....	—	0,1	1,7	0,1
Transporte e comunicação.....	3,4	0,9	2,5	0,1
Serviços em geral.....	1,4	0,7	35,3	8,8
Serviços sociais.....	0,8	0,6	23,7	14,1
Administração pública.....	0,8	0,2	11,5	0,4
Defesa nacional e segurança pública.....	0,5	0,1	1,2	0,1
Outras atividades, semideclaradas ou não-declaradas.....	2,9	0,9	2,7	4,5

FONTE — Censo Demográfico — 1970 — Rondônia, Roraima, Amapá, tabela 20, p.64-6 e Censo Demográfico — 1980 — Rondônia, Mão-de-Obra, tabela 1.7, p.29-34, IBGE.

5.2.1 — A força de trabalho agrícola

Os dados para essa seção vêm do Censo Agropecuário. Devido à diferença existente na definição da unidade de coleta entre o Censo Demográfico e os Censos Econômicos, os últimos geralmente fornecem cifras maiores de população empregada ¹⁰.

A estrutura e a organização da sociedade rural se alteraram consideravelmente. Os projetos de colonização e a corrente migratória que eles atraíram trouxeram alma nova à área, criando um dinamismo desconhecido no passado. Enquanto a população total cresceu 400%, o emprego na agricultura aumentou em mais de 850%. A área sob exploração agrícola também aumentou tremendamente sendo esse

¹⁰ O Censo Demográfico recolhe a informação no domicílio enquanto que os Censos Econômicos o fazem no local de trabalho.

aumento de 13 vezes no caso das culturas permanentes e seis vezes no caso das temporárias. O número de tratores aumentou em quase dez vezes, assim como o número de cabeças de gado e de aves. Uma questão importante, entretanto, se refere à forma pela qual estas mudanças se disseminaram.

Com o objetivo de se obter uma indicação da produção agrícola, selecionamos alguns indicadores do Censo Agropecuário que são apresentados na tabela 11.

A produção é dominada por dois tipos de produtores: proprietários e posseiros. A produção direta e não via um administrador é a forma mais corrente, sendo encontrada em 95% dos estabelecimentos e 71% da área. A predominância de uma tecnologia rudimentar é clara nas baixas percentagens de estabelecimentos afiliados a uma cooperativa

TABELA 11

INDICADORES DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA — 1980

ESPECIFICAÇÃO	INDICADORES
ESTABELECIMENTOS	
Números absolutos.....	48 371
Números relativos (%)	
Condição do produtor	
Proprietário.....	40,3
Arrendatário.....	4,0
Parceiro.....	4,9
Ocupante.....	50,8
Forma de administração	
Produtor.....	95,4
Administrador.....	4,6
Afiliados a uma cooperativa.....	1,2
Que usam fertilizantes.....	1,9
Que usam defensivos.....	20,5
ÁREA DOS ESTABELECIMENTOS	
Números absolutos.....	5 223 629
Números relativos (%)	
Condição do produtor	
Proprietário.....	53,1
Arrendatário.....	0,8
Parceiro.....	0,4
Ocupante.....	45,6
Forma de administração	
Produtor.....	71,3
Administrador.....	28,7
Utilização das terras	
Em culturas permanentes.....	3,4
Em culturas temporárias.....	4,0
Em descanso.....	0,8
Em pastagem natural.....	4,8
Em pastagem artificial.....	10,1
Em florestas naturais.....	75,6
Em florestas artificiais.....	0,0
Produtiva não utilizada.....	1,3

FONTE — Censo Agropecuário — 1980 — Rondônia, tabelas 5,7,8,12 e 18, p.9,11,12,16 e 27, IBGE.

(1,2%) ou que usam fertilizantes (1,9%) ou pesticidas (20,5%). A área produtiva está ainda em grande medida sob o domínio da mata (75,6%), sendo a área usada para propósitos agrícolas ainda inferior a 10% (3,4% em culturas permanentes e 4% em culturas temporárias). Portanto, permanece elevado o potencial para uso agrícola do solo.

Neste tipo de ambiente agrícola opera uma força de trabalho de volume significativo, conforme o indica a tabela 12. A marca de um modelo de produção familiar é clara na medida em que 90,4% do total da força de trabalho estão representadas pelos próprios produtores ou membros de sua família. Também, 28% da força de trabalho

TABELA 12

**DISTRIBUIÇÃO DAS PESSOAS NA FORÇA DE TRABALHO
AGRÍCOLA, POR SEXO E GRUPOS DE IDADE, SEGUNDO A
CATEGORIA — 1980**

CATEGORIA	DISTRIBUIÇÃO DAS PESSOAS NA FORÇA DE TRABALHO			
	Total	Total		
		Grupos de idade		
		Menos de 14 anos	De 14 anos e mais	
NÚMEROS ABSOLUTOS				
TOTAL.....	176 934	49 848	127 086	
NÚMEROS RELATIVOS (%)				
Produtor e trabalhador familiar não remunerado...	90,4	97,1	87,5	
Empregados permanentes.....	3,3	1,7	3,9	
Empregados temporários.....	5,0	0,2	6,9	
Parceiros.....	0,9	0,5	1,2	
Outros.....	0,3	0,5	0,5	

CATEGORIA	DISTRIBUIÇÃO DAS PESSOAS NA FORÇA DE TRABALHO			
	Sexo e grupos de idade			
	Homens		Mulheres	
	Menos de 14 anos	De 14 anos e mais	Menos de 14 anos	De 14 anos e mais
NÚMEROS ABSOLUTOS				
TOTAL.....	29 111	87 805	20 737	39 281
NÚMEROS RELATIVOS (%)				
Produtor e trabalhador familiar não remunerado	96,8	83,7	97,0	96,0
Empregados permanentes.....	1,7	4,8	1,8	2,1
Empregados temporários.....	0,2	9,8	0,2	0,5
Parceiros.....	0,6	1,3	0,5	0,9
Outros.....	0,7	0,4	0,5	0,5

FONTE — Censo Demográfico — 1980 — Rondônia, tabela 20, p.30-3, IBGE.

TABELA 13

INDICADORES DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA, POR GRUPOS DE ÁREA — 1980

ESPECIFICAÇÃO	INDICADORES DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA					
	Números absolutos	Números relativos por grupos de área (ha)				
		Menos de 10	De 10 a 100	De 100 a 1 000	De 1 000 a 10 000	10 000 e mais
ESTABELECIMENTOS						
Condição do produtor						
Proprietário.....	19 504	4,8	45,8	47,9	1,4	0,1
Arrendatário.....	1 937	70,9	23,0	5,9	0,2	—
Parceiro.....	2 361	83,2	15,1	1,7	—	—
Ocupante.....	24 569	32,0	40,9	25,9	1,0	0,1
Forma de administração						
Produtor.....	46 161	25,9	41,3	32,2	0,6	0,0
Administrador.....	2 210	8,9	33,1	10,8	12,3	0,8
ÁREA DOS ESTABELECIMENTOS						
Condição do produtor						
Proprietário.....	2 773 060	0,2	24,1	43,0	22,0	10,7
Arrendatário.....	44 351	13,7	32,2	40,7	13,4	—
Parceiro.....	23 455	37,6	37,9	24,5	—	—
Ocupante.....	2 382 763	1,4	19,1	34,7	21,8	22,9
Forma de administração						
Produtor.....	3 723 185	1,4	29,8	50,5	14,4	3,9
Administrador.....	1 500 446	0,0	2,6	10,8	39,9	46,7
Utilização da terra						
Culturas permanentes.....	170 178	10,7	37,6	46,5	4,7	0,4
Culturas temporárias.....	203 253	12,4	38,2	40,0	8,9	0,4
Pastagem natural.....	242 653	0,1	3,8	6,9	17,0	72,3
Pastagem artificial.....	510 184	0,2	18,6	33,7	29,9	17,6
PESSOAS NA FORÇA DE TRABALHO NOS ESTABELECIMENTOS						
Categorias selecionadas						
Total.....						
Homens.....	116 916	18,9	40,1	37,6	3,1	0,2
Mulheres.....	60 018	20,7	41,2	36,6	1,4	0,0
Produtores e trabalhadores familiares não remunerados						
Homens.....	101 772	21,7	42,0	36,0	0,8	0,0
Mulheres.....	57 828	21,4	41,6	36,2	0,8	0,0
Homens empregados						
Empregados permanentes.....	4 685	2,1	19,8	49,7	24,4	4,0
Empregados temporários.....	8 701	4,8	28,3	50,8	15,5	0,6

FONTE — Censo Agropecuário — 1980 — Rondônia, tabelas 5,7,18 e 20, p.9,11,26-7, 30-2, IBGE.

total estão formadas por crianças com menos de 14 anos de idade. Esta descoberta vale tanto para a população masculina como para a feminina. No caso dos homens, além do trabalho familiar, também o emprego temporário atrai 9,8%.

Como a agricultura familiar tornou-se tão importante como canal de absorção da força de trabalho e, porque os estabelecimentos que utilizam essa forma de produção são geralmente menores — 10 hectares, no caso dos lotes da colonização ou menores ainda no caso de trabalhadores desvinculados desse esquema — fez-se uma tentativa para avaliar a extensão em que o trabalho humano e outros recursos se disseminavam entre os estabelecimentos. A tabela 13 apresenta estes resultados.

O arrendamento e a parceria se concentram em lotes pequenos. Mais de 90% dos lotes onde existem essas formas têm menos de 10 hectares. Os proprietários e posseiros, categorias dominantes quanto ao status do produtor conforme mencionado anteriormente, dominam em estabelecimentos com mais de 100 hectares. Por incrível que pareça, 44% da área está sob apropriação ilegal, ou seja, sob o domínio dos posseiros (representando quase 50% da área produtiva), que inclusive trabalham extensões de área maiores que 1.000 hectares.

A grande maioria dos estabelecimentos (95,4%), como já foi mencionado, são trabalhados diretamente pelo produtor. Ainda que pequena quando referida ao número de estabelecimentos, a área explorada por administradores representa 28% do total e se concentra nos estabelecimentos maiores (46,7% estão em estabelecimentos com mais de 10.000 ha).

A área sob cultivo é ainda bem pequena. Quando se compara a área dedicada à lavoura com a dedicada à pastagem, fica aparente uma certa divisão de trabalho na medida em que a agricultura prevalece em lotes menores que 1.000 hectares enquanto a pecuária o faz em lotes maiores (72,3% da área sob pastagem natural existe em lotes com mais de 10.000 ha).

Mais de 60% da força de trabalho se concentram em lotes com menos de 100 hectares. Os estabelecimentos com mais de 1.000 hectares empregam apenas 3% da força de trabalho, sendo estes basicamente empregados, provavelmente ligados à pecuária.

Ainda que rápido em velocidade e substancial em volume, o processo de absorção da força de trabalho agrícola em Rondônia reproduz o que aconteceu em outras áreas de fronteira ou no Brasil como um todo¹¹. Há basicamente um descompasso entre a forma e o crescimento do sistema fundiário e a alocação e o crescimento da força de trabalho agrícola. O trabalho se concentra em estabelecimentos menores enquanto que a apropriação de terras se dá nos estabelecimentos maiores. Como se sabe, a força de trabalho rural mantém altos níveis de crescimento natural, e mais cedo ou mais tarde, aparecerá um ponto de estrangulamento, a menos que se façam mudanças para assegurar condições de trabalho mais diversificadas.

¹¹ Veja por exemplo, Hébette, Jean & Azevedo, Rosa Elizabeth. Mobilidade do trabalho e fronteira amazônica: a Belém-Brasília, op. cit., Silva, José Graziano da. A estrutura fundiária e relações de produção no campo brasileiro, op. cit.

5.3 — Níveis de renda

Apesar dos esforços do Censo Demográfico de 1980 em aperfeiçoar a medição da renda buscando informações sobre a renda em espécie, 20% da força de trabalho de Rondônia se declarou na categoria de “sem rendimento”. Para aqueles que declaram algum rendimento, o perfil de distribuição da renda aparece na tabela 14. A população foi dividida em percentis dos mais ricos, identificados pelo sinal +, aos mais pobres, identificados pelo sinal —.

TABELA 14

**PERCENTUAL DE RENDA APROPRIADA DE POPULAÇÃO
ECONOMICAMENTE ATIVA, POR SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO E
SEXO, SEGUNDO PERCENTIS DE POPULAÇÃO — 1980**

PERCENTIS DE POPULAÇÃO	PERCENTUAL DE RENDA APROPRIADA			
	Zona urbana		Zona rural	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
5+	33,77	29,70	30,89	35,81
10+	45,81	42,78	42,56	51,99
10	14,91	16,15	16,30	21,98
10	9,89	10,87	12,71	17,14
10	7,33	7,95	9,96	8,74
10	6,28	6,19	8,44	0,15
10	5,13	5,09	6,17	0,00
10	4,19	4,34	3,73	0,00
10	3,40	3,55	0,12	0,00
10	2,46	2,40	0,00	0,00
10-	0,59	0,67	0,00	0,00
75-	34,06	35,22	34,36	17,07
25+	65,94	64,78	65,64	82,93
15+	54,24	51,86	51,29	63,76

FONTE — Censo Demográfico — 1980 — Rondônia, tabela A.21, IBGE.

A distribuição de renda é bastante concentrada. Diferenciais urbano/rurais são inexistentes para a população masculina assim como diferenciais por sexo na população urbana¹². Os indicadores-resumo revelam que os 5% mais ricos dentre os homens urbanos se apropriam de 34% da renda urbana masculina. Se em vez dos 5%, avaliarmos a proporção da renda recebida pelos 10% mais ricos, essa porcentagem se eleva para 46%. Por outro lado, os 75% mais pobres dentre os homens urbanos recebem apenas um terço da renda urbana masculina.

Os níveis de concentração da renda de Rondônia são similares aos encontrados no resto do Brasil. De acordo com Malán & Bonelli¹³ os

¹² Devido ao pequeno número de mulheres na população economicamente ativa rural, aproximadamente 6 mil, não achamos necessário tecer comentários sobre a distribuição da renda feminina no meio rural.

¹³ Malán, Pedro Sampaio & Bonelli, Regis, *Crescimento Econômico, Industrialização e Balanço de Pagamentos: O Brasil dos Anos 70 aos Anos 80*, op. cit., p. 67.

5% dos brasileiros mais ricos se apropriam de 35% da renda total; os 10% mais ricos, por outro lado, levam 48%.

Parece, portanto, que o processo de desenvolvimento deslanchado nessas regiões preservou o padrão de concentração comumente encontrado em outras áreas. A despeito dos objetivos sociais que orientaram a política de redistribuição de terra, o padrão de distribuição desigual persistiu, mais ainda no que se refere ao aspecto renda.

6 — CARACTERÍSTICAS DA POPULAÇÃO MIGRANTE

Já deixamos estabelecido que o peso da migração interna no volume e configuração da população de Rondônia foi grande. Da população total registrada no Censo de 1980, 67% eram formados por migrantes. Além do acentuado volume que os migrantes representaram na população recipiente, a concentração de regiões de origem e procedência do fluxo migratório foi também inusitada, mesmo quando comparada com a da Região Norte que também recebeu migrantes para áreas de fronteira anteriores, direta ou indiretamente ligados à política de colonização. A tabela 15 proporciona uma prova disso.

TABELA 15

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO MIGRANTE COM INDICAÇÃO DA SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO DE RESIDÊNCIA ANTERIOR, SEGUNDO O LUGAR DE RESIDÊNCIA ATUAL — 1970-1980

LUGAR DE RESIDÊNCIA ATUAL E SEXO	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO MIGRANTE			
	Situação do domicílio de residência anterior			
	Zona urbana		Zona rural	
	1970	1980	1970	1980
Rondônia				
Homens.....	53,6	33,5	46,4	66,5
Mulheres.....	56,0	35,4	44,0	64,6
Zona urbana				
Homens.....	76,3	64,2	23,7	35,8
Mulheres.....	75,1	65,1	24,9	34,9
Zona rural				
Homens.....	34,4	13,0	65,6	87,0
Mulheres.....	32,2	12,8	67,8	87,2
Região Norte				
Homens.....	53,8	43,4	46,2	56,6
Mulheres.....	57,7	44,8	43,3	55,2
Zona urbana				
Homens.....	73,8	60,3	26,2	39,7
Mulheres.....	73,3	58,9	26,7	41,1
Zona rural				
Homens.....	33,0	24,5	67,0	75,5
Mulheres.....	31,6	24,2	68,4	75,8

FONTE — Censo Demográfico — 1970 — Brasil, tabela 53, p.195-7 e Censo Demográfico — 1980 — Brasil, Dados Gerais, tabela 2-13, p.98-101, IBGE.

Em 1970, a composição da corrente migratória segundo a situação de residência anterior, e que se dirigiu tanto a áreas urbanas quanto às rurais, era a mesma em Rondônia e na Região Norte. Em 1980, a correlação entre uma origem urbana e um destino urbano (ou uma origem rural e um destino rural) era mais forte em Rondônia que na Região Norte. Além disso, o sentido rural era bem mais preferido em Rondônia do que na Região Norte como um todo. Esta descoberta traduz o traço mais marcadamente rural da corrente migratória que se dirigiu para Rondônia ao longo da última década.

TABELA 16

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO MIGRANTE DE RONDÔNIA E DA REGIÃO NORTE, SEGUNDO O SEXO E A DURAÇÃO DA RESIDÊNCIA ATUAL — 1970-1980

SEXO E DURAÇÃO DA RESIDÊNCIA ATUAL	DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO MIGRANTE			
	1970		1980	
	Rondônia	Região Norte	Rondônia	Região Norte
Números absolutos				
Homens.....	29 341	343 485	180 295	915 057
Mulheres.....	22 216	310 467	155 162	854 221
Números relativos (%)				
Homens				
Menos de 1 ano.....	18,4	13,6	18,0	14,2
1 ano.....	6,5	6,1	9,0	8,6
2 anos.....	7,3	7,3	8,8	8,6
3 anos.....	5,1	6,0	11,2	8,1
4 anos.....	4,9	4,5	13,4	7,0
5 anos.....	4,8	4,9	8,2	6,0
6 a 9 anos (1).....	12,9	15,7	18,8	15,2
10 anos e mais (2).....	40,0	41,8	12,6	32,2
Mulheres				
Menos de 1 ano.....	18,1	13,3	17,3	13,4
1 ano.....	6,3	6,2	9,1	8,2
2 anos.....	7,5	7,4	8,8	8,5
3 anos.....	5,0	6,1	11,3	8,0
4 anos.....	4,5	4,6	13,9	7,0
5 anos.....	4,3	4,9	8,2	6,0
6 a 9 anos (1).....	13,6	16,4	19,4	15,1
10 anos e mais (2).....	40,7	41,0	11,9	33,7

FONTE — Censo Demográfico — 1970 — Brasil, tabela 54, p.198-200 e Censo Demográfico — 1980 — Brasil, Dados Gerais, tabela 2.14, p.102-6, IBGE.

(1) Corresponde a 6 a 10 anos em 1970. (2) Corresponde a 11 ou mais anos em 1970.

Os migrantes para Rondônia não apenas tiveram um destino rural mais pronunciado como também sua vinda é mais recente do que a dos migrantes para a Região Norte, como ilustra a tabela 16. Em 1980, 30% dos migrantes para Rondônia tinham mais do que cinco anos de residência aí, enquanto que para a Região Norte essa porcentagem atingia os 50%. Portanto, mesmo que a disponibilidade dos Censos

Demográficos a cada dez anos só tenha permitido medir a intensidade do fenômeno ao final da década, é claro que o grosso da corrente migratória se localizou nos últimos cinco anos da década de 70.

TABELA 17

PROPORÇÃO DE PESSOAS NÃO NASCIDAS NO MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA ATUAL, POR SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO, SEGUNDO O LOCAL DE RESIDÊNCIA PRÉVIA, O TEMPO DE MORADIA NO MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA ATUAL E SEXO — 1970-1980

LOCAL DE RESIDÊNCIA	LOCAL DE RESIDÊNCIA ATUAL			
	1970		1980	
	Zona urbana	Zona rural	Zona urbana	Zona rural
HOMENS				
Zona urbana.....	100,00	100,00	100,00	100,00
Menos de 1 ano.....	14,90	20,67	20,32	24,99
1 ano.....	7,31	7,89	9,06	10,44
2 anos.....	7,75	8,75	10,46	10,06
3 anos.....	4,84	4,98	10,43	12,87
4 anos.....	4,99	5,66	9,71	11,06
5 anos.....	4,62	6,71	5,63	7,55
6 a 9 anos (1).....	13,41	11,65	13,85	14,01
10 anos e mais (2).....	42,18	33,69	20,54	9,02
Zona rural.....	100,00	100,00	100,00	100,00
Menos de 1 ano.....	16,92	21,25	17,08	15,86
1 ano.....	5,50	5,30	9,54	8,73
2 anos.....	6,44	6,37	7,20	8,38
3 anos.....	5,41	5,21	11,11	11,52
4 anos.....	6,07	4,10	12,37	15,90
5 anos.....	5,97	3,67	7,13	9,86
6 a 9 anos (1).....	15,04	12,52	17,51	22,16
10 anos e mais (2).....	38,65	41,58	18,06	7,59
MULHERES				
Zona urbana.....	100,00	100,00	100,00	100,00
Menos de 1 ano.....	14,00	21,68	19,53	24,17
1 ano.....	6,47	8,77	9,38	10,49
2 anos.....	7,77	9,18	10,11	10,10
3 anos.....	4,96	5,81	9,93	13,06
4 anos.....	4,20	4,53	10,35	12,92
5 anos.....	4,25	6,41	5,49	8,33
6 a 9 anos (1).....	13,85	12,98	14,63	13,77
10 anos e mais (2).....	44,50	30,64	20,58	7,16
Zona rural.....	100,00	100,00	100,00	100,00
Menos de 1 ano.....	18,06	22,09	17,23	14,76
1 ano.....	3,98	5,96	9,64	8,80
2 anos.....	7,92	6,15	6,75	8,55
3 anos.....	5,35	4,63	11,00	12,12
4 anos.....	7,11	3,58	11,68	16,80
5 anos.....	5,22	3,04	7,66	10,11
6 a 9 anos (1).....	14,25	13,10	18,10	23,06
10 anos e mais (2).....	38,11	41,45	17,94	5,80

FONTE — Censo Demográfico — 1970 — Rondônia, Roraima, Amapá, tabela 35, p.122 e Censo Demográfico — 1980 — Rondônia, Dados Gerais, tabela 2-5, p.44, IBGE.

(1) Corresponde a 6 a 10 anos em 1970. (2) Corresponde a 11 ou mais em 1970.

Quando se controla por situação, tanto na região de origem quanto no destino em Rondônia, surge um interessante padrão de diferenciação relacionado à área de residência prévia, como se observa na tabela 17. Em 1970, as diferenças de duração da residência intra-urbanas ou intra-rurais eram mínimas, independente do sexo. Os residentes urbanos permanentes mostravam o maior tempo de residência com os migrantes rural/urbanos no outro extremo. Em 1980, a residência média caíra consideravelmente em todas as situações. As áreas rurais quer como origem quer como local de residência atual mostravam os menores períodos de residência.

Foram notáveis também as mudanças na estrutura etária da população de migrantes ao longo de toda década. A idade média dos migrantes rurais e urbanos era similar no Censo de 1970, alcançando um valor de 30,6 anos. A queda em 1980 foi considerável: os migrantes urbanos tinham a idade média de 26,4 e os migrantes rurais de 24,1, em função do dobro de participação dos grupos de 5 a 20 anos¹⁴.

Mas talvez a mudança mais notável seja a ocorrida na composição dos migrantes por lugar de nascimento e lugar de residência anterior. A tabela 18 proporciona a informação para a primeira dessas variáveis¹⁵.

Em 1970, o grosso dos migrantes para Rondônia havia nascido nos Estados das Regiões Norte e Nordeste. Nasceram na primeira dessas Regiões, 65% dos homens e 75% das mulheres; 50% dos homens e também das mulheres o fizeram na própria Rondônia. O Nordeste contribuía com aproximadamente 15% e o restante estava distribuído entre outros Estados. As diferenças na composição dos migrantes por sexo eram inexistentes. Já os dados de 1980 evidenciam a atração que Rondônia exerceu para migrantes de todas as macrorregiões brasileiras. A parcela de migrantes (municipais) da própria Rondônia diminuiu para 30% e a do total da Região Norte, para aproximadamente 40%. Os homens nordestinos representavam apenas 11%, os do Sudeste com 23 e os do Sul com 18%, apareceram como as regiões de nascimento mais importantes dos novos migrantes.

Fenômeno similar existiu com respeito ao Estado de residência anterior. Também não existiram diferenciais por sexo na composição dos migrantes segundo o lugar de residência prévia. As áreas vizinhas formadas pelos Estados das Regiões Norte e Centro-Oeste enviaram, em 1970, 52 e 9% dos migrantes, respectivamente, conforme a tabela 19 demonstra. Entretanto, em 1980, as áreas mais distantes foram as que mais contribuíram à corrente migratória: o Sul com 34 e o Sudeste com 18,5%. O Centro-Oeste aumentou a sua participação para 25% do total dos migrantes masculinos.

Estas descobertas nos levam a crer que os migrantes para Rondônia não realizaram o sonho do Governo de diminuir a pressão da população

¹⁴ A idade média foi calculada a partir da estrutura etária dos migrantes publicada. Veja Censo Demográfico 1970. Rondônia, Amapá, tabela 32, p. 117 e Censo Demográfico 1980. Rondônia. Dados Gerais, tabela 2.4, p. 43.

¹⁵ Pode ser de interesse esclarecer ao leitor pouco familiarizado com as definições censitárias que os migrantes são definidos como aquelas pessoas que estão presentes ou são residentes no momento do Censo em um município diferente do seu município de nascimento (Veja Censo Demográfico 1970. Rondônia, Roraima, Amapá p. XXI ou Censo Demográfico 1980. Rondônia. Dados Gerais, p. XXVII-VIII).

TABELA 18

**POPULAÇÃO DE NACIONALIDADE BRASILEIRA RESIDENTE EM
RONDÔNIA, POR SEXO, SEGUNDO O LOCAL DE
NASCIMENTO — 1970-1980**

LOCAL DE NASCIMENTO	POPULAÇÃO DE NACIONALIDADE BRASILEIRA							
	Números absolutos				Números relativos (%)			
	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
	1970	1980	1970	1980	1970	1980	1970	1980
TOTAL.....	53 152	258 232	51 057	230 249	100,00	100,00	100,00	100,00
NORTE								
Rondônia.....	29 351	82 719	29 601	80 474	50,47	32,03	57,95	34,95
Acre.....	1 937	3 680	2 033	4 336	3,33	1,43	3,98	1,88
Amazonas.....	8 459	11 118	7 961	11 291	14,55	4,32	15,59	4,90
Roraima.....	132	110	90	139	0,23	0,04	0,18	0,06
Pará.....	2 104	2 952	1 693	2 474	3,62	1,14	3,31	1,08
Amapá.....	86	101	40	72	0,15	0,04	0,08	0,03
NORDESTE								
Maranhão.....	1 438	2 880	542	1 574	2,47	1,12	1,06	0,68
Piauí.....	546	945	218	519	0,94	0,37	0,43	0,23
Ceará.....	5 194	8 660	2 940	5 467	8,93	3,35	5,76	2,38
Rio Grande do Norte.....	887	1 349	430	692	1,53	0,52	0,84	0,30
Paraíba.....	769	1 782	322	1 022	1,32	0,69	0,63	0,44
Pernambuco.....	628	3 750	280	2 541	1,08	1,45	0,55	1,10
Alagoas.....	229	1 628	98	1 386	0,39	0,63	0,19	0,60
Fernando de Noronha.....	4	3	5	4	0,01	0,00	0,01	0,00
Sergipe.....	150	1 059	47	775	0,26	0,41	0,09	0,34
Bahia.....	617	7 986	271	5 520	1,06	3,09	0,53	2,40
SUDESTE								
Minas Gerais.....	1 158	29 667	911	24 784	1,99	11,49	1,78	10,76
Espírito Santo.....	559	17 430	455	15 437	0,96	6,75	0,89	6,71
Rio de Janeiro.....	156	1 402	95	1 016	0,27	0,54	0,19	0,44
Guanabara.....	124	—	85	—	0,21	—	0,17	—
São Paulo.....	704	12 646	498	11 033	1,21	4,90	0,98	4,79
SUL								
Paraná.....	748	39 185	716	35 128	1,29	15,17	1,40	15,26
Santa Catarina.....	57	2 765	56	2 336	0,10	1,07	0,11	1,02
Rio Grande do Sul.....	204	3 571	113	2 601	0,35	1,38	0,22	1,13
CENTRO-OESTE								
Mato Grosso do Sul.....	—	4 745	—	4 679	—	1,84	—	2,03
Mato Grosso.....	1 643	12 996	1 395	12 342	2,82	5,03	2,73	5,36
Goiás.....	251	2 942	169	2 485	0,43	1,14	0,33	1,08
Distrito Federal.....	17	161	11	122	0,03	0,06	0,02	0,05

FONTE — Censo Demográfico — 1970 — Rondônia, Roraima, Amapá, tabela 38, p.127-32 e Censo Demográfico — 1980 — Rondônia, Dados Gerais, tabela 2.2, p.36, IBGE.

TABELA 19

**POPULAÇÃO BRASILEIRA RESIDENTE EM RONDÔNIA, POR SEXO,
SEGUNDO O LUGAR DE RESIDÊNCIA ANTERIOR — 1970-1980**

LUGAR DE RESIDÊNCIA ANTERIOR	POPULAÇÃO BRASILEIRA RESIDENTE EM RONDÔNIA							
	Números absolutos				Números relativos (%)			
	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
	1970	1980	1970	1980	1970	1980	1970	1980
TOTAL.....	28 634	156 969	21 293	135 862	100,0	100,0	100,0	100,0
NORTE								
Rondônia.....	2 373	16 048	1 860	14 032	8,2	10,2	8,7	10,4
Acre.....	2 165	2 852	2 046	2 732	7,6	1,8	9,6	2,0
Amapá.....	7 992	5 374	7 009	5 094	27,9	3,4	32,9	3,7
Roraima.....	154	129	71	83	0,5	0,1	0,3	0,1
Pará.....	2 040	1 695	1 759	1 234	7,1	1,1	8,3	0,9
Amapá.....	110	42	56	34	0,4	0,0	0,3	0,0
NORDESTE								
Maranhão.....	1 345	1 706	419	1 121	4,7	1,1	2,0	0,8
Piauí.....	358	308	125	187	1,2	0,2	0,8	0,1
Ceará.....	4 161	2 019	2 471	1 422	14,5	1,3	11,7	1,0
Rio Grande do Norte.....	688	261	307	178	2,4	0,2	1,4	0,1
Paraíba.....	484	427	209	330	1,7	0,3	1,0	0,2
Pernambuco.....	404	702	222	616	1,4	0,4	1,0	0,4
Alagoas.....	156	280	69	158	0,5	0,2	0,3	0,1
Fernando de Noronha.....	—	—	—	—	—	—	—	—
Sergipe.....	80	129	45	101	0,3	0,1	0,2	0,1
Bahia.....	270	2 363	116	1 851	0,9	1,5	0,5	1,4
SUDESTE								
Minas Gerais.....	514	9 826	380	8 469	1,8	6,3	1,8	6,2
Espírito Santo.....	346	12 446	291	11 204	1,2	7,9	1,4	8,2
Rio de Janeiro.....	170	838	89	664	0,6	0,5	0,4	0,5
Guanabara.....	177	—	139	—	0,6	—	0,6	—
São Paulo.....	497	5 882	338	4 681	1,7	3,7	1,6	3,4
SUL								
Paraná.....	1 348	51 012	1 232	44 394	4,7	32,5	5,8	32,8
Santa Catarina.....	43	1 226	51	893	0,2	0,8	0,2	0,7
Rio Grande do Sul.....	191	951	78	710	0,7	0,6	0,4	0,5
CENTRO-OESTE								
Mato Grosso do Sul.....	—	14 330	—	12 871	—	9,1	—	9,5
Mato Grosso.....	2 245	23 364	1 685	20 390	7,8	14,9	7,9	15,1
Goiás.....	280	2 405	196	2 004	1,0	1,5	0,9	1,5
Distrito Federal.....	43	353	30	309	0,2	0,2	0,1	0,2

FONTE — Censo Demográfico — 1970 — Rondônia, Roraima, Amapá, tabela 38, p.127 e Censo Demográfico — 1980 — Rondônia, Dados Gerais, tabela 2.9, IBGE.

rural nordestina, tal como anunciava um dos objetivos da política de colonização dirigida. Na medida em que o tempo transcorria, o Nordeste tanto como região de nascimento quanto como região de residência anterior diminuiu seu peso na corrente migratória. As transformações que se operaram na agricultura dos Estados mais desenvolvidos do País pareceram ter um efeito de expulsão da sua força de trabalho rural mais intenso do que as secas periódicas do Nordeste ¹⁶.

O aumento súbito da migração que ocorreu ao longo da década de 70 colocou Rondônia como o primeiro Estado brasileiro em termos da proporção de migrantes relativa à população residente. Não moravam no seu município de nascimento, 2/3 dos residentes de Rondônia. A distribuição dos migrantes entre os sete municípios de Rondônia não era uniforme. As áreas mais antigas, Guajará-Mirim (31%) e Porto Velho (43,8%) continham as menores proporções, apesar de ser Porto Velho a cidade capital. Todos os demais Municípios, Ariquemes, Cacoal, Ji-Paraná, Pimenta Bueno e Vilhena, tinham mais de 80% da sua população composta por migrantes. Dado que em todos eles havia projetos de colonização, este é um reflexo do peso que a colonização exerceu na atração de novos grupos para Rondônia.

7 — O CRESCIMENTO NATURAL

Após termos estabelecido a importância da migração interna no aumento do volume da população de Rondônia, a discussão do crescimento natural pode parecer de menor importância. Mas ela é relevante em pelo menos duas maneiras: para se entender os níveis atuais do crescimento natural de Rondônia não em termos da sua dinâmica anterior mas como consequência dos níveis de reprodução incorporados nos novos migrantes e, para adiantar previsões do crescimento futuro da população.

Ao lidarmos com uma população amplamente afetada pela migração nas suas características básicas — estrutura por sexo e idade, níveis e padrões de nupcialidade — as técnicas indiretas que se baseiam na informação censitária para derivar estimativas de fecundidade e de mortalidade se vêem violadas em algumas das suas suposições básicas ¹⁷. Pelo menos duas dessas suposições — a da constância da fecundidade (ou mortalidade) no passado e a de uma população fechada à migração (ou em outros termos, a de que não existem diferenciais de fecundidade ou mortalidade segundo a condição de migrante ou natural), são claramente violadas.

Entretanto, a necessidade de se ter estimativas oficiais da fecundidade e mortalidade para todos os Estados brasileiros levou a Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a produzir de forma básica e em base comparativa as necessárias estimativas. Fazemos uso delas aqui para compará-las com as nossas análises que se valem de procedimentos menos sofisticados.

¹⁶ O Estado do Paraná por si só forneceu 32% do total dos migrantes masculinos e femininos para Rondônia. Na década de 70 o Paraná teve a mais alta taxa negativa de crescimento da sua população rural, qual seja, -3,3% ao ano. Veja Sinopse Preliminar do Censo Demográfico 1980, tabela 6, p. 10-1.

¹⁷ Para uma descrição atualizada dessas técnicas. Ver *Indirect Techniques for Demographic Estimation*; Manual X.

7.1 — Níveis de fecundidade

É um fato bem estabelecido que a fecundidade brasileira experimentou uma queda ao longo da década de 70. Como os resultados do Censo de 1980 o indicam:

a — a fecundidade total caiu em 28% na década de 70, a ritmos variados de declínio dependendo do Estado e da situação rural/urbana de cada área;

b — as áreas urbanas dos Estados do Sul e do Sudeste iniciaram o declínio da fecundidade por volta de 1965;

c — seguindo-se a elas nessa transição as áreas rurais desses mesmos Estados acompanhadas das áreas urbanas das regiões menos desenvolvidas;

d — finalmente, por volta de 1975 o descenso se estendeu também às áreas rurais das Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

Rondônia parece não ter escapado a essa tendência geral de declínio. Após os resultados do Censo de 1970 que arrolaram níveis de fecundidade bem elevados, ainda mais altos que os estimados no Censo de 1960, um descenso considerável apareceu tanto nas taxas urbanas quanto nas rurais, conforme o indica a tabela 20.

TABELA 20

TAXAS DE FECUNDIDADE, ESPECÍFICAS E GLOBAL, POR SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO, COM INDICAÇÃO DOS GRUPOS DE IDADE DAS MULHERES PARA AS TAXAS ESPECÍFICAS — 1970-1980

DISCRIMINAÇÃO	TAXAS DE FECUNDIDADE (%)			
	Zona urbana		Zona rural	
	1970	1980	1970	1980
ESPECÍFICAS				
Grupos de idade das mulheres				
15 a 19 anos.....	0,096	0,116	0,168	0,144
20 a 24 anos.....	0,329	0,297	0,421	0,346
25 a 29 anos.....	0,395	0,279	0,520	0,332
30 a 34 anos.....	0,395	0,202	0,351	0,242
35 a 39 anos.....	0,307	0,130	0,353	0,190
40 a 44 anos.....	0,171	0,084	0,253	0,080
45 a 49 anos.....	0,084	0,011	0,087	0,029
GLOBAL				
BRASIL.....	4,55	3,63	7,74	6,40
Rondônia.....	8,88	5,59	10,77	6,82

FONTE — Bercovich, Alicia M. & Vellozo Heitor C. *Notas Sobre Aparentes Contradições na Estrutura por Idade e Sexo no Censo Demográfico de 1980* tabela 12, p.27.

NOTA — As taxas específicas de fecundidade por idade foram obtidas mediante a aplicação da técnica da razão P/F de Brass aos dados brutos obtidos, nos censos. Para uma descrição detalhada dessa técnica, consulte: Indirect Techniques for Demographic Estimation, p.32-7.

De acordo com a Taxa Global de Fecundidade a extensão do decenso da fecundidade foi a mesma nas áreas urbanas e rurais. Portanto, o diferencial urbano/rural permaneceu o mesmo, sendo a fecundidade rural 20% mais alta que a urbana. Para o Brasil como um todo, os níveis de fecundidade eram mais baixos que os de Rondônia mas o diferencial urbano/rural era da ordem de 76%.

Se as estimativas das Taxas Globais de Fecundidade representam a verdadeira transição nos níveis de fecundidade, o determinante da mudança estava operando igualmente nas áreas urbanas e rurais. Sugerimos por um momento que esse determinante está representado pelos níveis e padrões da fecundidade dos migrantes, como uma hipótese de trabalho.

A relação entre migração e fecundidade recebeu considerável atenção na literatura¹⁸. Entretanto, os estudos pioneiros enfocaram o impacto dos níveis de fecundidade rural nas áreas urbanas, como consequência da explosiva urbanização nos países de alta fecundidade.

Em termos gerais, os efeitos da migração sobre a fecundidade se verificam diretamente através de mudanças na estrutura por sexo e idade, nas composições por estado conjugal e, indiretamente, através da alteração dos processos sócio-demográficos fundamentais de viver em união e ter filhos. Porque esses últimos processos são de natureza sociológica, as características dos migrantes "seletividade" e suas formas de adaptação ao novo ambiente (atitudes e comportamento mais ou menos favoráveis à procriação) são importantes na produção de um dado nível de fecundidade.

Em Rondônia, os mecanismos que operam do lado da estrutura por sexo e idade — uma razão de masculinidade mais equilibrada, entrada maciça de adultos jovens e de casais — favorecem a fecundidade. O outro conjunto de mecanismos, por outro lado, incorpora consequências contraditórias.

Estar casado, com um baixo nível educacional, trabalhando em áreas rurais, são pré-condições usualmente favoráveis à alta fecundidade. Entretanto, os migrantes para Rondônia eram em sua maioria ou nascidos ou provenientes de regiões onde a transição da fecundidade para níveis menores já se tinha iniciado e de fato, tinham níveis de fecundidade mais baixos do que os encontrados no seu lugar de destino, tal como o indica a tabela 21.

As parturições médias para as mulheres nos grupos de idade 20 a 24 e 25 a 29 anos foram selecionadas como um indicador suficiente para o que se quer analisar. Porque elas se referem apenas a um período limitado da vida reprodutiva, estão menos sujeitas às alterações na estrutura por idade ocasionadas pelas migrações; representam o trecho de idade mais fértil de todo o período reprodutivo; estão menos afetadas pelos erros de declaração da idade ou pela omissão do número

¹⁸ Veja por exemplo os estudos pioneiros de Macisco, John J. Jr. et alii. *Migration status, education and fertility in Puerto Rico* op. cit. e Arriaga, Eduardo E. *Components of city growth in selected Latin American Countries*, op. cit. ou alguns trabalhos posteriores como Goldstein, Sidney. *Interrelations between migration and fertility in Thailand*, op. cit., ou a Smithsonian Institution. *The dynamics of migration: Internal Migration and Migration and Fertility*, op. cit.

TABELA 21

**PARTURIÇÕES MÉDIAS DAS MULHERES NOS GRUPOS DE IDADE
DE 20 A 24 E 25 A 29 ANOS, POR SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO,
SEGUNDO AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO
SELECIONADAS — 1970-1980**

UNIDADES DA FEDERAÇÃO SELECIONADAS	PARTURIÇÕES MÉDIAS DAS MULHERES							
	Zona urbana				Zona rural			
	De 20 a 24 anos		De 25 a 29 anos		De 20 a 24 anos		De 25 a 29 anos	
	1970	1980	1970	1980	1970	1980	1970	1980
Rondônia.....	1,41	1,43	2,99	2,80	2,05	1,72	3,43	3,26
Maranhão.....	1,03	1,04	2,61	2,49	1,41	1,51	2,89	3,05
Pernambuco.....	0,96	0,91	2,50	2,10	1,17	1,28	3,08	2,96
Minas Gerais.....	0,70	0,67	2,08	1,67	1,13	1,05	2,84	2,39
Espírito Santo.....	0,79	0,79	2,23	1,79	1,21	1,16	2,97	2,48
Paraná.....	0,98	0,85	2,33	1,88	1,48	1,18	3,24	2,55
Mato Grosso do Sul.....	...	1,02	...	2,19	...	1,52	...	2,74
Mato Grosso.....	...	1,11	...	2,36	...	1,53	...	2,91

FONTE — Análise das Informações Básicas sobre Parturição, Distribuição Relativa da Fecundidade e das Mulheres Segundo o Número de Filhos, Proporção de Filhos Nascidos Mortos e de Filhos Falecidos, tabela 3, p.72-6.

NOTA — As parturições são a razão entre o número de filhos nascidos vivos das mulheres em um dado grupo de idade ideal e o total de mulheres desse grupo. A informação bruta dos Censos foi usado nesse caso.

de filhos devido ao efeito da “perda da memória”¹⁹. Apresentamos as parturições médias para um conjunto selecionado de Estados. A seleção se baseou na importância dos vários Estados quanto à sua condição de emissários de mulheres migrantes para Rondônia. Os Estados finalmente escolhidos são o primeiro ou o segundo emissário mais importante na macrorregião a que pertencem.

As parturições médias para Rondônia são mais altas do que os valores para qualquer dos outros Estados. Entretanto, a extensão da diferença diminuiu entre 1970-80. Nas áreas urbanas, a queda da fecundidade alocou-se prioritariamente no grupo de 25 a 29 anos. Situação semelhante ocorreu nos outros Estados, mas em menor magnitude que em Rondônia. As áreas rurais experimentaram uma mudança diferente. O descenso da fecundidade aí ocorreu principalmente no grupo de idades 20 a 24 anos e foi mais pronunciado em Rondônia que nos outros Estados. O fato de que a diminuição na parturição média das mulheres de 25 a 29 anos nas áreas rurais de Rondônia foi de apenas 5% pode estar relacionado com uma força que estaria operando em sentido contrário qual seja o efeito pró-natalista do ambiente de fronteira²⁰.

¹⁹ Para uma discussão das fontes de erro que podem afetar os indicadores da fecundidade, consulte Sawyer, Donald R. Fecundidade e mortalidade na Amazônia: notas sobre estimativas e interpretações, op. cit. p. 121-44.

²⁰ Merrick estabelece o estado do conhecimento sobre a discussão dos incentivos à alta fecundidade que a situação de fronteira estabeleceria, principalmente caracterizados pela disponibilidade de terras e utilização do trabalho familiar. Veja Merrick, Thomas W. Land availability and rural fertility in Northeastern Brazil.

É portanto difícil estabelecer o quadro dos determinantes da mudança da fecundidade em forma conclusiva. A natureza da corrente migratória para Rondônia proporciona elementos tanto para uma queda como para um aumento da fecundidade. Entretanto, a alta fecundidade não está universalmente disseminada como o demonstra a tabela 22. A relação inversa entre os anos de escolaridade das mulheres e o número médio de filhos que já existia em 1970 se manteve em 1980, tanto nas áreas urbanas quanto nas rurais. O fato de que, em ambas datas e situações, a diferença entre o maior e o menor nível educacional implicava em mais de três filhos, mostrou que as características individuais eram significativas e que um alto nível de reprodução não é uniforme mesmo numa situação onde esta é altamente favorecida, tal como Rondônia.

TABELA 22

NÚMERO MÉDIO DE FILHOS NASCIDOS VIVOS PARA AS MULHERES DE 15 ANOS E MAIS DE IDADE, POR SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO, SEGUNDO OS ANOS DE ESCOLARIDADE DAS MULHERES — 1970-1980

ANOS DE ESCOLARIDADE DAS MULHERES	NÚMERO MÉDIO DE FILHOS NASCIDOS VIVOS (%)			
	Zona urbana		Zona rural	
	1970	1980	1970	1980
0 a menos de 1 ano.....	6,28	6,32	5,40	5,91
1 a 3 anos.....	5,26	5,03	5,06	4,44
4 a 8 anos (1).....	4,11	3,66	4,81	3,35
9 a 11 anos (2).....	3,74	2,49	4,96	2,89
12 anos e mais (3).....	2,03	2,31	2,00	2,78

FONTE — Censo Demográfico — 1970 — Rondônia, Roraima, Amapá, tabela 29, p.113 e Censo Demográfico — 1980 — Rondônia, Dados Gerais, tabela 4.7, p.156, IBGE.

(1) Em 1970 correspondia a 4 a 9 anos. (2) Em 1970 correspondia a 10 a 12 anos. (3) Em 1970 correspondia a 13 anos e mais.

7.2 — Níveis de mortalidade

As possibilidades analíticas no caso da mortalidade se viram prejudicadas pela qualidade da informação básica correlata do Censo de 1980. Tradicionalmente, os Censos de população do Brasil recolhiam informação sobre o total de filhos tidos, os nascidos mortos e os sobreviventes. Em 1980 foram incluídas duas perguntas adicionais destinadas a estimar a mortalidade. O primeiro grupo de perguntas se referia às mortes ocorridas no domicílio nos 12 meses anteriores ao Censo; a segunda pergunta levantava a frequência da orfandade materna. As avaliações realizadas da utilidade dessas perguntas para o propósito de estimar a mortalidade mostraram não fornecerem elas estimativas

razoáveis da mortalidade geral ou regional ²¹. Portanto, a informação sobre filhos sobreviventes permaneceu como a única informação básica útil para derivar estimativas da mortalidade.

Além da violação das suposições básicas inerentes às técnicas indiretas para estimar a mortalidade, tanto quanto se comentou anteriormente com respeito à fecundidade, existem também problemas de confiabilidade da própria informação básica. Os níveis de natimortalidade aumentaram consideravelmente, de acordo com os resultados do Censo de 1980, para o Brasil e todas as Unidades da Federação (UF). O aumento foi sistemático e diretamente relacionado à idade. A título de ilustração a tabela 23 proporciona a proporção dos nascidos mortos por grupos de idade da mulher para a população de Rondônia e a do Brasil.

Torna-se difícil acreditar que a incidência de nascidos mortos tenha dobrado ao longo da década de 70. Os níveis implícitos nas proporções encontradas em 1980 fogem até dos limites biológicos e certamente refletem problemas na coleta dos dados ou representam um erro sistemático introduzido na fase de codificação. A avaliação feita até agora não permitiu estabelecer a fonte do problema. Provavelmente, parte dos filhos que nasceram vivos, mas morreram antes da data do Censo, foram declarados ou contados como nascidos mortos.

TABELA 23

PROPORÇÃO DE NASCIDOS MORTOS, SEGUNDO GRUPOS DE IDADE DAS MULHERES, PARA RONDÔNIA E O BRASIL — 1970-1980

GRUPOS DE IDADE DAS MULHERES	PROPORÇÃO DE NASCIDOS MORTOS (%)			
	Rondônia		Brasil	
	1970	1980	1970	1980
TOTAL	3,58	7,22	2,64	6,42
15 a 19 anos.....	1,72	4,74	3,28	4,44
20 a 24 anos.....	2,31	5,36	2,91	4,74
25 a 29 anos.....	2,54	5,83	2,92	5,04
30 a 34 anos.....	3,35	6,31	3,14	5,45
35 a 39 anos.....	3,99	6,79	3,39	5,96
40 a 44 anos.....	4,26	7,19	3,79	6,48
45 a 49 anos.....	4,47	7,96	4,01	6,85
50 a 54 anos.....	3,50	9,13	4,10	7,12
55 a 59 anos.....	5,12	9,32	4,14	7,44
60 a 64 anos.....	3,88	8,24	4,17	7,53
65 a 69 anos.....	2,55	9,36	4,07	7,53
70 anos e mais.....	2,94	8,89	3,96	7,03
Idade desconhecida.....	1,54	13,47	3,53	6,85

FONTE — Análise das Informações Básicas sobre Parturição, Distribuição Relativa da Fecundidade e das Mulheres Segundo o Número de Filhos, Proporção de Filhos Nascidos Mortos e Filhos Falecidos, tabela 5, p.91.

²¹ Tal como se observa nas tabelas de mortalidade e outros documentos apresentados por técnicos do IBGE no II Seminário Metodológico sobre Censos Demográficos realizado em Embu em fevereiro de 1984.

Infelizmente, entretanto, a alta proporção de nascidos mortos parece estar relacionada em forma direta a uma também surpreendentemente elevada proporção de filhos sobreviventes, o que dificulta as hipóteses de correção da informação básica. A sobreenumeração no número de filhos sobreviventes se vê claramente refletida nas proporções de filhos mortos por grupos de idade das mulheres (Tabela 24). Tal como no caso das proporções de nascidos mortos, apenas os valores para Rondônia e o Brasil são apresentados; o resto dos Estados, segue a mesma tendência ²².

TABELA 24

PROPORÇÃO DE FILHOS MORTOS, SEGUNDO GRUPOS DE IDADE DAS MULHERES, PARA RONDÔNIA E O BRASIL — 1970-1980

GRUPOS DE IDADE DAS MULHERES	PROPORÇÃO DE FILHOS MORTOS			
	Rondônia		Brasil	
	1970	1980	1970	1980
TOTAL	0,2532	0,1479	0,2012	0,1618
15 a 19 anos.....	0,1138	0,0696	0,1157	0,1107
20 a 24 anos.....	0,1660	0,0872	0,1266	0,1007
25 a 29 anos.....	0,1775	0,0974	0,1395	0,0991
30 a 34 anos.....	0,2045	0,1055	0,1549	0,1086
35 a 39 anos.....	0,2045	0,1172	0,1713	0,1241
40 a 44 anos.....	0,2469	0,1468	0,1923	0,1431
45 a 49 anos.....	0,2559	0,1687	0,2136	0,1588
50 a 54 anos.....	0,2996	0,1970	0,2343	0,1795
55 a 59 anos.....	0,3582	0,2147	0,2494	0,2016
60 a 64 anos.....	0,3275	0,2428	0,2664	0,2228
65 a 69 anos.....	0,3932	0,2817	0,2777	0,2474
70 anos e mais.....	0,4007	0,3018	0,3133	0,2841
Idade desconhecida.....	0,2509	0,2082	0,2202	0,1957

FONTE — Análise das Informações Básicas sobre a Parturição, Distribuição Relativa da Fecundidade e das Mulheres Segundo o Número de Filhos, Proporção dos Filhos Nascidos Mortos e de Filhos Falecidos, tabela 6, p.107.

Na falta de informações confiáveis para se estabelecer os níveis de mortalidade de 1980 e a tendência da mortalidade ao longo da década de 70, pode-se apenas dizer no momento que a expectativa de vida média ao nascimento para 1970 era de 45,9 e 50,2 anos para os homens e mulheres urbanos, respectivamente, e de 47,1 e 51,3 anos para os homens e mulheres rurais ²³.

²² As proporções de filhos mortos são uma entrada básica para a aplicação do método dos filhos sobreviventes de Brass (veja *Indirect Techniques for Demographic Estimation*, p. 73-5). A aplicação do método aos resultados do Censo de 1980 forneceu uma subestimação da mortalidade, pelas razões já mencionadas. Veja por exemplo: Amazonas 65,76; Bahia 57,68 e Rio Grande do Sul 69,61 como em Análise das Informações Básicas sobre Parturição, Distribuição Relativa da Fecundidade e das Mulheres Segundo o Número de Filhos, Proporção de Filhos Nascidos Mortos e de Filhos Falecidos, tabela 1, p. 160.

²³ Tal como aparece em Carvalho, José Alberto Magno de. *Fecundidade e Mortalidade no Brasil*. op. cit.

8 — COMENTÁRIOS FINAIS

A população de Rondônia cresceu explosivamente na década de 70, principalmente como consequência direta da implantação de projetos de colonização dirigida na área, o que atraiu migrantes em um nível nunca antes visto no Brasil.

Análises demográficas básicas demonstraram que a nova população de Rondônia está formada por adultos jovens, em sua maioria homens, e mantém uma razão de masculinidade suficientemente equilibrada a ponto de permitir os mais altos níveis de nupcialidade no Brasil. A maior parte da população vive na área rural. Os recém-chegados são jovens não apenas no sentido etário, possuem uma idade média ao redor dos 25 anos, mas também por haverem chegado há pouco tempo (70% tem menos de cinco anos de residência em Rondônia, segundo o Censo de 1980).

Dada a média de anos de escolaridade (2,2) que é inferior à de qualquer macrorregião do Brasil, com exceção do Nordeste, os dados sobre a participação econômica indicam que a população masculina está utilizando ao máximo sua força de trabalho, tanto nas áreas urbanas quanto nas rurais, posto que as taxas específicas de atividade chegam a mais de 95% no trecho de 20 a 50 anos. O emprego na área rural cresceu 850% enquanto que, a área sob exploração agrícola também experimentou um aumento considerável (13 vezes para as culturas permanentes e seis vezes para as temporárias). Os indicadores agrícolas mostram um desequilíbrio entre o crescimento do emprego e o da área, posto que mais de 60% da força de trabalho total estão concentrados em estabelecimentos com menos de 100 hectares, ao passo que os estabelecimentos com mais de 1.000 hectares empregam apenas 3% da força de trabalho agrícola.

A composição, segundo o lugar de nascimento ou o lugar de residência anterior dos migrantes para Rondônia, mostra uma ampla participação dos trabalhadores rurais do Sul e Sudeste na área. Este fato surpreende na medida em que a colonização dirigida foi lançada para atender principalmente às necessidades de terra dos trabalhadores rurais do Nordeste. O que acontece é que os fatores de expulsão que operam nas áreas agrícolas mais modernas do Sul e Sudeste foram mais importantes no direcionamento das correntes migratórias para Rondônia do que antecipado pelo Governo. Ao se dirigirem para Rondônia os trabalhadores agrícolas do Sul e Sudeste estão se deparando com condições de infra-estrutura piores do que as existentes no seu lugar de residência anterior.

As autoridades brasileiras necessitam conscientizar-se de que a existência de um relógio demográfico embutido no crescimento populacional prévio é uma realidade e de difícil trato. Além de enfrentar os limites do desenvolvimento atual, Rondônia tem que se preparar para uma explosão populacional esperada para os próximos dez anos. Apenas uma política de distribuição igualitária das riquezas diminuiria, num futuro próximo o ritmo do crescimento populacional. Do contrário, veremos Rondônia tornar-se o *locus* adicional de um exército de reserva de trabalhadores doentes e desqualificados. Propõem-se algumas idéias aqui para as áreas urbanas e rurais, separadas em termos de investimentos.

Uma primeira tentativa seria tentar criar um movimento para o oeste dentro de Rondônia. Na cidade mais antiga de Guajará-Mirim, na fronteira do Brasil com a Bolívia, as atividades comerciais poderiam ser facilmente desenvolvidas, bem como a implementação de indústrias básicas utilizando as matérias-primas locais, como as castanhas e o cacau. Porto Velho, a cidade capital ao norte, dever-se-ia desenvolver como centro administrativo e cultural para a área. Este movimento acha-se já em realização, já que diversas agências federais têm escritórios locais e há planos de criação de uma universidade. Essa universidade deveria, entretanto, abarcar o treinamento a dois níveis: secundário e colegial. Ao nível secundário, os cursos técnicos poderiam ser gerados visando diretamente as especificidades da agricultura na área. Além do mais, a cidade apresenta consideráveis espaços abertos e a possibilidade de criação de um cinturão verde deveria ser avaliada.

Com respeito às áreas rurais são necessárias mais demarcações de lotes e legalização das propriedades. O Governo ainda detem uma vasta porção da área e o número das famílias assentadas poderia ser facilmente aumentado para 50 mil. O tamanho do novo lote poderia ser reduzido. Em todas as pesquisas realizadas na área ficou claro que nem mesmo 1/3 da área total dos lotes de 100 hectares estava em uso. O modelo de assentamento baseado em unidades familiares deve ser mantido para evitar a emigração e a repetição dos obstáculos do sistema fundiário dominante como visto pelo Brasil afora. De forma a alcançar esse objetivo, os colonos necessitam ter seus direitos a seus próprios lotes assegurados; devem ser especialmente informados sobre os canais de comercialização de sua produção. A igreja é excelente veículo para esse objetivo.

É muito cedo para estabelecer a natureza da vocação agrícola em Rondônia. Experimentam-se diferentes culturas e há um nível de ignorância da qualidade do solo. O campesinato de Rondônia necessita de tempo para testar sua força.

9 — BIBLIOGRAFIA

ANALISE das Informações Básicas sobre Parturição, Distribuição Relativa da Fecundidade e das Mulheres Segundo o Número de Filhos, Proporção de Filhos Nascidos Mortos e de Filhos Falecidos. Rio de Janeiro — IBGE, 1983. (Tabelas apresentadas ao I Seminário Metodológico sobre Censos Demográficos, São Paulo, maio 1983.)

ARRIAGA, Eduardo E. Components of city growth in selected Latin American Countries. *Milbank Memorial Fund Quarterly*, (46): 237-52, 1968.

BERCOVICH, Alicia M. & VELLOZO, Heitor C. *Notas sobre Aparentes Contradições na Estrutura por Idade e Sexo no Censo Demográfico de 1980*. Rio de Janeiro, IBGE, 1983 (mimeo).

CARVALHO, José Alberto Magno de. *Fecundidade e Mortalidade no Brasil*. Belo Horizonte, CEDEPLAR — UFMG, 1978.

CENSO Agropecuário 1980. Rondônia. Rio de Janeiro, IBGE, 1983, v. 2, t. 3, n. 2.

CENSO Demográfico 1970. Brasil. Rio de Janeiro, IBGE, 1973, v. 1.

CENSO Demográfico 1970. Rondônia, Roraima, Amapá. Rio de Janeiro, IBGE, 1973, v. 1, t. 1.

- CENSO Demográfico 1980. Brasil. Dados Gerais. Rio de Janeiro, IBGE, 1983, v. 1, t. 4, n. 1.
- CENSO Demográfico 1980. Brasil. Famílias e Domicílios. Rio de Janeiro, IBGE, 1983, v. 1, t. 6, n. 1.
- CENSO Demográfico 1980. Rondônia. Dados Gerais. Rio de Janeiro, IBGE, 1983, v. 1, t. 4, n. 2.
- CENSO Demográfico 1980. Rondônia. Famílias e Domicílios. Rio de Janeiro, IBGE, 1983, v. 1, t. 6, n. 2.
- CENSO Demográfico 1980. Rondônia. Mão-de-Obra. Rio de Janeiro, IBGE, 1983, v. 1, t. 5, n. 2.
- GOLDSTEIN, Sidney. Interrelations between migration and fertility in Thailand. *Demography*, 10(2): 225-41, maio 1973.
- HÉBETTE, Jean & AZEVEDO, Rosa Elizabeth. Mobilidade do trabalho e fronteira amazônica; a Belém-Brasília. In: 2.º Encontro Nacional, Águas de São Pedro, 1980, *Anais ... Associação Brasileira de Estudos Populacionais*, : 187-241.
- INDIRECT Techniques for Demographic Estimation; Manual X. Nova York, United Nations, Department of International Economic and Social Affairs, 1983, Population Studies, n. 81.
- MACISCO, John J. Jr. et alii. Migration status, education and fertility in Puerto Rico, 1960. *Milbank Memorial Fund Quarterly* (48): 167-87, 1969.
- MALAN, Pedro Sampaio & BONELLI, Regis. *Crescimento Econômico, Industrialização e Balanço de Pagamentos: o Brasil dos Anos 70 aos Anos 80*. IPEA/INPES, 1983. (Textos para Discussão Interna n. 60.)
- MERRICK, Thomas W. Land availability and rural fertility in Northeastern Brazil. in: *Research in Population Economics*, JAI Press Inc., 1981, v. 3: 93-121.
- RYDER, Norman B. Components of temporal variations in American fertility. In: Hiorns, R. W. Ed., *Demographic Patterns in Developed Societies*, London, Taylor and Francis Ed., 1980.
- SAWYER Donald R. Fecundidade e mortalidade na Amazônia: notas sobre estimativas e interpretações. In: 2.º Encontro Nacional, Águas de São Pedro, 1980, *Anais... Associação Brasileira de Estudos Populacionais*, : 111-83.
- SILVA, José Graziano da. A estrutura fundiária e relações de produção no campo brasileiro. In: 2.º Encontro Nacional, Águas de São Pedro, 1980, *Anais... Associação Brasileira de Estudos Populacionais*, : 83-109.
- SINOPSE Preliminar do Censo Agropecuário 1980. Rondônia, Roraima, Amapá. Rio de Janeiro, IBGE, 1982.
- SINOPSE Preliminar do Censo Demográfico 1980. Rio de Janeiro, IBGE, 1981, v. 1, t. 1, n. 1.
- THE DYNAMICS of Migration: Internal Migration and Migration and Fertility. Washington, Smithsonian Institute, 1976, Interdisciplinary Communication Program, Ocasional Monograph Series, v. 1, n. 5.

RESUMO

Este artigo faz parte de um conjunto de três que se destinam a avaliar a política de colonização dirigida em Rondônia em algumas de suas dimensões constituintes. Em um artigo anterior, ela foi avaliada na sua dimensão de política social; aqui, trata-se o seu impacto sobre a dinâmica demográfica da área; finalmente, no terceiro artigo, pondera-se a sua eficiência enquanto mecanismo que busca transformar os trabalhadores que aí chegam em agricultores independentes.

Durante a década de 70, a população de Rondônia experimentou um crescimento de 450%. Quase 70% da sua população era composta de migrantes, com uma estrutura por idade jovem, já que 50% deles tinham menos que 25 anos de idade. Enquanto em termos de idade os adultos jovens eram a regra, um baixo número médio de anos de escolaridade e o destino rural dominavam entre as outras características. Tinham menos de cinco anos de residência 70% dos migrantes e mais da metade deles tinham emigrado do Paraná e Mato Grosso, fronteiras anteriores. Os níveis de participação na atividade da população masculina eram os mais elevados do Brasil, assim como o emprego rural e o crescimento populacional.

Baixos níveis tecnológicos predominavam na agricultura. A maior parte da força de trabalho estava formada pelo produtor — proprietários e posseiros — e sua família. A agricultura ocupava menos terra do que as pastagens, já que menos de 8% da área produtiva era usada para lavouras enquanto que as pastagens, naturais ou plantadas, ocupavam o dobro dessa área. Os produtores se distanciavam bem da figura do agricultor moderno, mesmo para padrões brasileiros: menos do que 2% deles estavam afiliados a cooperativas ou usavam fertilizantes.

O potencial para um alto crescimento populacional, transparente nas características sócio-demográficas da população, comprovava-se nos altos níveis de fecundidade, os mais elevados do Brasil. As Taxas de Fecundidade Total eram 5,6 e 6,8 para as áreas urbana e rural, respectivamente, implicando um diferencial da fecundidade urbano/rural da ordem de 20%. As parturições médias no grupo de idade mais fértil, 20 a 29 anos, eram mais elevadas do que as encontradas nas populações femininas de quaisquer dos Estados de emigração para Rondônia.

A existência de um nível de fecundidade tão elevado, ainda que dependa das características sócio-demográficas que geralmente conduzem a esse efeito — composição por sexo, idade e estado conjugal, baixos níveis educacionais e qualificação ocupacional, origem rural — pode também dever-se a um possível efeito pró-natalista da fronteira em si mesmo. Na medida em que diminua a disponibilidade de terra e que mudanças na estrutura agrária forcem a transformação do trabalho familiar em assalariado, espera-se que o declínio da fecundidade se acelere. A atual inércia para o crescimento, entretanto, implícita na estrutura etária vigente diminuirá o ritmo do declínio ou levará à emigração.

SUMARY

This article is part of a three-article set aiming to evaluate the directed colonization policy in Rondônia in some of its implicit dimensions. In a former article the policy is looked upon in its social policy dimension; herein the policy impact on the demographic dynamics of the area is dealt with; finally a third article analyzes the policy efficiency in its ability to transform agricultural workers into autonomous farmers.

During the 1970 decade, the Rondônia population experienced a 450 percent growth. Almost 70% of the 1980 census population were migrants. Their age structure was younger than the usual profile as 50% of them were less than 25 years of age. Young adult couples were the rule, low average number of years of schooling and a rural destination dominated. Seventy percent of the migrants to Rondônia had lived in their former places of residence for less than five years. More than half of them came from Mato Grosso and Paraná, former frontier states. Male levels of economic participation were higher than in any other Brazilian state, as was rural employment and population growth.

Low levels of technology prevailed in agriculture. The bulk of the labor force was formed by the producer — equally divided between landowners and squatters — and their family members. Agriculture occupied less land than cattle raising, as the percentage of productive area used for agricultural purposes did not reach 8% while the percentage of productive area in either natural or grown pasture doubled that figure. Producers were far from being modern farmers, even for Brazilian standards: less than 2% were affiliated with a cooperative or used fertilizers.

The potential for high levels of natural growth, that was transparent in the socio-demographic characteristics of the actual population was verified through fertility levels that were highest in Brazil. Total Fertility Rates were 5,6 for urban and 6,8 for rural areas, implying an urban/rural differential of only 20%. Average parities in the most fertile 20-29 age group were higher than the ones found in any of the most important states with respect to sending migrants to Rondônia.

The existence of such a high fertility level, while tied to demographic characteristics that are conducive to this effect — age, sex and marital composition, low educational and occupational background, rural origin — may also be due to a possible pro-natalistic effect of frontier areas. As land availability decreases and changes in the land tenure system forces the transformation of family labor into an employee status, fertility decline is expected to accelerate. The actual inertia for growth, though, implicit in the current population structure will slow the decline or lead to out-migration.

Este artigo foi recebido pela Superintendência do Centro Editorial — CEDIT, no dia 11 de janeiro de 1985.